



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

UMA ANÁLISE DA PERÍFRASE PROGRESSIVA
COM VERBOS ESTATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Marco Túlio Orelli Bittencourt

Brasília – DF

2015

Marco Túlio Orelli Bittencourt

**UMA ANÁLISE DA PERÍFRASE PROGRESSIVA
COM VERBOS ESTATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística, na área de concentração de Teoria e Análise Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rozana Reigota Naves

Co-orientador: Prof Dr. Marcus Vinicius Lunguinho

Brasília – DF

2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Orelli Bittencourt, Marco Túlio
0624 a Uma análise da perífrase progressiva com verbos
estativos no Português Brasileiro / Marco Túlio
Orelli Bittencourt; orientador Dr. Rozana Reigota
Naves; co-orientador Dr. Marcus Vinícius Lunguinho. -
Brasília, 2015.
74 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2015.

1. Verbos estativos. 2. Progressivo. 3.
Faseabilidade. 4. Eventos subatômicos. I. Reigota
Naves, Dr. Rozana, orient. II. Lunguinho, Dr. Marcus
Vinícius, co-orient. III. Título.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**UMA ANÁLISE DA PERÍFRASE PROGRESSIVA
COM VERBOS ESTATIVOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

MARCO TÚLIO ORELLI BITTENCOURT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Rozana Reigota Naves – UnB – presidente

Prof^a. Dr^a Eloisa Nascimento Silva Pilati – UnB – membro interno

Prof^a. Dr^a. Déborah Christina de Mendonça Oliveira – UCB – membro externo

Prof^a. Dr^a Maria Luiza Monteiro Sales Corôa – UnB – membro suplente

Ao Dom Waldemar, que me contou uma estória pelo
agir ao invés do falar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Cristo Jesus, autor e consumidor da minha fé. Só eu sei onde estaria sem a Sua graça e misericórdia.

A minha esposa Marcia, companheira fiel e muito mais sábia do que eu. Aos meus pais, Maysa e Marcus Antônio, e ao meu irmão Marcus Eduardo, pelo amor incondicional, pela confiança e paciência diárias, por nunca pouparem esforços para me fazer feliz e por sempre acreditarem no meu potencial.

À minha orientadora Prof^a Rozana Naves, muito obrigado pela paciência e pelo desejo de ensinar, sempre com muita sabedoria, serenidade e compreensão. Agradeço a sua imensa competência e generosidade. Esta caminhada foi uma escola de vida, inesquecível, e colho resultados maravilhosos graças ao seu trabalho.

Ao meu co-orientador Prof Marcus Lunguinho, que não poupou esforços em me auxiliar em todas as fases dessa pesquisa e que está sempre disposto e aberto a ajudar. Muito obrigado.

Às amigas da pós, Edite e Letícia, que caminham comigo desde o início e são companheiras para uma vida toda, assim como aos amigos do grupo de estudo em Gramática Gerativa – Giovana, Elisabete, Paula e Bruno –, e aos amigos Moacir, Humberto e Mirna.

Aos membros da banca, pela disponibilidade em contribuir com a pesquisa com suas preciosas experiências.

Ao corpo docente do PPGL, em especial, às professoras Heloisa Salles, Eloisa Pilati e Helena Vicente, e aos professores Dionei Gomes, Antônio Augusto e Marina Magalhães, pelos ensinamentos teóricos e éticos, sem os quais nada disso seria possível.

Aos funcionários do PPGL, pela presteza e zelo no atendimento.

À Cooplem Idiomas, que acredita na formação acadêmica docente e ao Judô ICMvida pela evolução e formação de futuros cidadãos.

A todos os familiares – famílias Orelli, Bittencourt e Kumasaka, – pelo incentivo constante,

A todos os amigos queridos, em especial à Eusamar Barbosa pelo apoio espiritual.

Aos meus atuais e ex-alunos, que me fazem querer ser uma pessoa e um profissional melhor e que não me deixam desacreditar na educação.

Ao CNPQ, pela bolsa de estudos.

*Esforçai-vos, e animai-vos; não temais, nem vos espanteis
diante deles; porque o Senhor teu Deus é o que vai
contigo; não te deixará nem te desampará.*

Deuteronômio 31:6

RESUMO

Nesta pesquisa, investigamos a ocorrência do progressivo com predicados estativos no português do Brasil tal como exemplificado em *João está sabendo geografia* e em *Maria está vivendo com Pedro*. Segundo Cunha (1998, 2004), em proposta desenvolvida para o português europeu, predicados desse tipo se distinguem pela presença/ausência do traço semântico [\pm faseável], sendo o progressivo empregado somente com os estativos faseáveis. Analisando os dados do português brasileiro relativos a diferentes subclasses semânticas desses estativos (existenciais, epistêmicos, copulativos, locativos, perceptivos e psicológicos), desenvolvemos a hipótese de que o progressivo, quando combinado com os estativos faseáveis, marca a fronteira ou a transição de fases de um dado estado, distinguindo uma fase anterior do estado e uma fase em curso. Para captar a noção semântica de faseabilidade proposta por Cunha (1998, 2004) em termos formais, recorreremos à proposta de Parsons (1990), para o inglês, que trabalha com a noção de eventos subatômicos. Partimos da constatação do autor de que o progressivo tem o efeito de recortar um intervalo de tempo em que um evento é identificado como um estado de coisas, para propor que, quando se trata originalmente de um predicado estativo, o efeito do progressivo é o de identificar um intervalo de tempo em que ocorre a transição entre duas fases do estado denotado.

Palavras-chave: Predicados estativos. Progressivo. Faseabilidade. Eventos subatômicos.

ABSTRACT

In this research, we investigate the occurrence of stative predicates and the progressive in Brazilian Portuguese, as in *João está sabendo geografia* and *Maria está vivendo com Pedro*. According to Cunha (1998, 2004), in a proposal developed for European Portuguese, statives are distinguished by the presence/absence of the semantic feature [+phase], being the progressive used only with phase statives. Analyzing data from Brazilian Portuguese relative to different semantic subclasses of statives (existential, epistemic, copulative, locative, perceptive, and psychological), we developed a hypothesis according to which the progressive with phase statives mark a frontier or transition of phases of a given state, distinguishing the previous phase of a state and a phase in progress. To capture the semantic notion of phaseability proposed by Cunha (1998, 2004) in formal terms, we appeal to Parsons (1990) proposal, to English, which deals with the notion of subatomic events. We depart from the author's evidence that the progressive has the effect of cutting an interval of time in an event which is identified as a state of things, to claim that, when a verb is originally an stative, the effect is to identify an interval of time in which a transition between two phases of a state occurs denoted by the verb.

Keywords: Stative predicates. Progressive. Phaseability. Subatomic events.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
Sobre a combinação da perífrase progressiva com predicados estativos	17
1.1. Mufwene (1984)	17
1.2. Cunha (1998, 2004)	21
1.3. Wachowicz (2003)	23
1.4. Basso & Ilari (2004)	27
1.5. Gonçalves (2004)	31
1.6. Bastos (2004)	34
1.7. Bertucci & Lunguinho (2013)	40
CAPÍTULO 2	
O comportamento dos predicados estativos com o progressivo em português brasileiro	46
2.1. A homogeneidade dos estativos faseáveis com o progressivo	46
2.2. Diferença semântica entre o progressivo e o presente simples.....	49
2.3. Sistematização dos resultados: subclasses de estados [+ faseável].....	55
CAPÍTULO 3	
Em direção a uma análise do progressivo com verbos estativos faseáveis em português brasileiro	58
3.1. Sistematizando a hipótese desta pesquisa	58
3.2. Eventos subatômicos: uma proposta semântica para a análise dos estativos e do progressivo no inglês	61
3.2.1. Ontologia de eventos e a representação dos verbos estativos em forma lógica	63
3.2.2. A proposta de Parsons (1990) para o progressivo no inglês	66
3.3. Análise do emprego do progressivo com verbos estativos faseáveis no português brasileiro	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta dissertação é a perífrase progressiva com predicados estativos no Português do Brasil na perspectiva da interface entre a sintaxe e a semântica. Buscamos identificar os traços semânticos e sintáticos associados à perífrase progressiva com verbos estativos, com vistas a descrever os contextos que a licenciam.

Inicialmente, definimos estados com base em Vendler (1967), que se propõe a analisar as classes aspectuais de verbos por meio de esquemas temporais internos, dos quais decorrem as propriedades definidas a seguir, as quais caracterizam as quatro classes aspectuais atestadas pelo autor:¹

- a) Estados: designam estados de coisas homogêneos, não dinâmicos e atélicos (sem ponto de culminação).

Esquema temporal interno: A amou alguém de t_1 a t_2 significa que em qualquer instante entre t_1 e t_2 A amou aquela pessoa.

Exemplos: *know*, ‘saber’, *recognize* ‘reconhecer’, entre outros.

- b) Atividades: denotam eventos homogêneos, dinâmicos e atélicos.

Esquema temporal interno: A estava correndo em um tempo t significa que o instante de tempo t está em um intervalo por todo o tempo o qual A estava correndo.

Exemplos: *run* ‘correr’, *push a cart* ‘empurrar um carrinho’, entre outros.

- c) Processos culminados: são eventos heterogêneos, dinâmicos e atélicos (com ponto de culminação).

Esquema temporal interno: A estava desenhando um círculo em t significa que t está no intervalo no qual A desenhou o círculo.

Exemplos: *paint a picture*, ‘pintar um quadro’, *make a chair*, ‘fazer uma cadeira’, entre outros.

¹ Para nos referirmos às classes aspectuais de verbos, utilizamos as traduções encontradas em Mira Mateus *et al* (2003), quais sejam: atividades (para *activities*), processos culminados (para *accomplishments*), culminações (para *achievements*) e estados (para *states*).

d) Culminações: designam eventos heterogêneos, dinâmicos e télicos.

Esquema temporal interno: A ganhou a corrida entre t_1 e t_2 significa que aquele instante de tempo em que A ganhou a corrida seja entre t_1 e t_2 .

Exemplos: *reach the top* ‘chegar ao topo’, *win a race* ‘ganhar uma corrida’, entre outros.

O autor aponta que atividades e estados se manifestam por um período de tempo que não é definido, ou seja, a denotação desses predicados não tem um início ou fim preconcebidos. Vendler (1967) observa que atividades com a perífrase progressiva como *Are you smoking?* ‘Você está fumando?’ são diferentes de construções estativas habituais expressas pelo presente simples como *Do you smoke?* ‘Você fuma?’. As primeiras podem ser eventivas, ou seja, a ação pode mudar dentro de um período de tempo e tem-se uma interpretação durativa e iterativa, enquanto as últimas não possuem um tempo definido e tampouco mudam durante um período de tempo, gerando, assim, uma interpretação habitual.

Processos culminados e culminações, por sua vez, se manifestam por um período de tempo definido, ou seja, a denotação desses predicados possui um fim intrínseco. Verbos como *see* ‘ver’ são considerados culminações quando estão no presente simples, denotando um momento único, como em (1a), mas podem apresentar um sentido forçado de processo culminado quando ocorrem na perífrase progressiva, como em (1b):

(1) a. A: What do you see on TV?

‘O que você vê na TV?’

B: I see Carmem on TV

‘Eu vejo Carmem na TV’

b. A: What are you seeing now?

‘O que você está vendo agora?’

B: I’m seeing the third act.

‘Eu estou vendo o terceiro ato’

[VENDLER, 1967, p. 32-33]

O autor propõe testes para distinguir cada uma das quatro classes aspectuais de predicados, sendo que o teste da perífrase progressiva é utilizado para distinguir estados, de um lado, de atividades, processos culminados e culminações, de outro. Os exemplos em (2)

mostram que, no inglês, estados não admitem a perífrase progressiva (cf. (2a)), enquanto atividades, processos culminados e culminações admitem (cf. (2b), (2c) e (2d), respectivamente):

- (2) a. *I'm knowing Geography
 'Eu estou sabendo geografia'²
 b. I'm writing a letter
 'Eu estou escrevendo uma carta'
 c. I'm drawing a circle
 'Eu estou desenhando um círculo'
 d. I'm reaching the hilltop
 'Eu estou alcançando o topo da serra'

[VENDLER, 1967, p.24- 25]

O trabalho de Vendler (1967) é de suma importância, pois sua classificação ontológica das classes aspectuais serviu de referência para outros estudos sobre esse tema em diversas línguas. Entretanto, a visão do autor de que o progressivo não ocorre com estados não consegue explicar por que, em alguns contextos, o progressivo aparece com verbos estativos. Sentenças como (3), por exemplo, veiculada em campanha publicitária da empresa de comércio de alimentos McDonald's, são gramaticais para falantes nativos americanos:

- (3) I'm lovin' it.
 'Eu estou amando isso'³

Trabalhos sobre o português demonstram que a perífrase progressiva tem largo emprego com verbos estativos nessa língua. Cunha (1998, 2004), por exemplo, explica que, em português europeu, certos verbos estativos admitem a perífrase progressiva, pois possuem um traço semântico [+faseável] e são interpretados momentaneamente como processos, tornando assim, a perífrase progressiva possível, como se vê no exemplo (4):⁴

² Em português brasileiro, essa sentença é gramatical em um contexto específico de tempo marcado como "agora", como evidencia o seguinte diálogo:

A: Você estudou para as suas provas bimestrais?

B: Sim, eu estou sabendo geografia agora. Só falta estudar português.

³ Essa sentença foi traduzida para as campanhas publicitárias em português brasileiro como 'Amo muito tudo isso'.

⁴ Voltaremos a esse ponto no Capítulo 2.

(4) Os exercícios estão a ser difíceis.⁵

[CUNHA, 2004, p. 94]

Fatos como esses nos motivam a averiguar se o emprego da perífrase progressiva com a classe dos predicados estativos é robusto o suficiente para distinguir essa classe das outras três classes, comumente referidas como eventivas, como Vendler (1967) atestou para o inglês.

O trabalho tem como referencial teórico a abordagem gerativista do estudo da gramática, que parte do pressuposto de que todos os seres humanos possuem uma Faculdade de Linguagem (doravante FL) geneticamente determinada e comum à espécie humana. Essa Faculdade é concebida como um órgão autônomo, modular na mente dos seres humanos – uma hipótese que nos leva a considerar que a FL interage com outros módulos cognitivos, mas possui propriedades específicas relacionadas às línguas naturais.

A Gramática Universal (doravante GU) corresponde ao produto dessa constituição biológica que nos permite desenvolver uma língua. A GU contém tanto as propriedades comuns a todas as línguas, os chamados Princípios, quanto as possibilidades de variação translinguística, os Parâmetros. A partir da interação da GU com os dados linguísticos primários a que é exposto, o falante fixa determinados parâmetros, cuja combinação resulta na gramática de uma língua particular, a chamada Língua-I. A Língua-I está associada, portanto, ao sistema cognitivo interno, individual e intensional que representa a competência linguística do falante, ou seja, ao seu conhecimento internalizado sobre sua língua materna. As sentenças e expressões geradas pela Língua-I, quando postas em uso, seriam domínio da chamada Língua-E, externa e extensional. O objeto principal de investigação linguística na Gramática Gerativa, a Língua-I, mas uma parte importante dos dados visíveis e estudados são provindos da Língua-E. Busca-se responder, a partir do pressuposto da existência de uma GU, quais são as características que definem e especificam as gramáticas das Línguas-I, uma vez que a GU limita o conjunto das gramáticas finais possíveis, restringindo-as.⁶

Os avanços nas pesquisas de cunho gerativista levaram à formulação de um programa de pesquisa, o Programa Minimalista, que é uma forma aprimorada de conceber a FL. Parte-se do pressuposto de que a FL possui um *design* ótimo e que o desafio de uma teoria da

⁵ Em português brasileiro, o progressivo se constrói com verbo principal no gerúndio: *Os exercícios estão sendo difíceis*.

⁶ Chomsky considera a existência de um mecanismo que organiza os elementos linguísticos por meio de operações gerativas, das quais decorre a possibilidade de produzir um número infinito de sentenças a partir de um conjunto finito de elementos. A infinitude discreta e a recursividade são propriedades das línguas naturais que permitem postular a aplicação sucessiva de uma mesma operação computacional.

linguagem de base mentalista é entender o quão perfeito é o sistema linguístico humano, respondendo as seguintes questões: Que condições a FL deve satisfazer para atingir essa forma ótima? O quanto a linguagem se aproxima de um projeto ótimo?

No Programa Minimalista, mantém-se o pressuposto de que a FL é um sistema de natureza mental, cognitiva e biológica destinado a gerar expressões linguísticas que se relacionam de forma estreita com sistemas de interface. São eles os sistemas Conceitual-Intensional, doravante C-I, e Articulatório-Perceptual, doravante A-P. A sintaxe, entendida como um sistema computacional, gera expressões que devem ser interpretadas em Forma Lógica (do inglês, *Logical Form*, doravante LF) e em Forma Fonética (do inglês, *Phonetic Form*, doravante PF). O Sistema Computacional opera por meio de um conjunto restrito de operações como: *Select* ‘selecionar’, *Merge* ‘concatenar’, *Move* ‘mover’ e *Agree* ‘concordar’. Os elementos mínimos e distintivos são definidos por meio de traços provindos do léxico, gerando expressões derivadas para cada nível das interfaces C-I e A-P. Em certo momento da derivação, as respectivas representações se separam e seguem para os níveis de interface correspondentes. A esse momento dá-se o nome de *Spell Out*.

As representações geradas têm de satisfazer as condições de legibilidade impostas pelos sistemas de desempenho – as interfaces. Uma dessas condições é o chamado Princípio da Interpretação Plena (do inglês, *Principle of Full Interpretation*, doravante FI), o qual especifica que a representação de uma dada expressão deve conter todos e apenas aqueles elementos que contribuam diretamente para a sua interpretação no nível relevante, sendo assim, não é possível que elementos estranhos às interfaces sejam inseridos na derivação das expressões linguísticas. Se a derivação satisfizer FI, em outras palavras, se ela contiver apenas os traços interpretáveis em A-P e os traços interpretáveis em C-I, diz-se que a derivação convergiu, portanto a expressão relevante é gramatical. Caso FI seja violado, a derivação resultante falha, resultando em uma expressão agramatical.

Este trabalho desenvolve-se na perspectiva da interface entre o sistema computacional e a forma lógica. Seguimos a intuição de Cunha (1998, 2004) de que a classe de predicados estativos se subdivide em predicados estativos faseáveis e predicados estativos não-faseáveis e desenvolvemos a hipótese de que o progressivo funciona como fronteira, ou transição, entre fases de um dado estado, o que deve ter uma contraparte legível em forma lógica. Valemo-nos da proposta semântica de eventos subatômicos de Parsons (1990), para o inglês, para analisar o emprego do progressivo com predicados estativos faseáveis em português brasileiro.

O objetivo geral desta pesquisa é, portanto, propor uma análise para o emprego da perífrase progressiva com predicados estativos faseáveis no português brasileiro, buscando

uma notação formal para a propriedade semântica da faseabilidade, identificada por Cunha, em termos da proposta de eventos subatômicos de Parsons (1990). Constituem nossos objetivos específicos:

- (i) descrever as propriedades sintáticas e semânticas da perífrase progressiva com predicados estativos a partir do que diz a literatura sobre o tema;
- (ii) analisar a propriedade semântica representada pelo traço [faseável], proposto por Cunha (1998, 2004), com vistas a caracterizar a interpretação do progressivo com verbos estativos no português do Brasil; e
- (iii) dar às construções progressivas construídas a partir de estados uma análise em termos da noção de eventos subatômicos, postulada por Parsons (1990) no âmbito da semântica formal, de maneira a representar a noção de faseabilidade na forma lógica dessas construções.

A dissertação está organizada da seguinte maneira. No Capítulo 1, apresentamos algumas propostas de análise já desenvolvidas a respeito da combinação da perífrase progressiva com estativos tanto no inglês quanto no português europeu e no português brasileiro. No Capítulo 2, desenvolvemos a nossa hipótese de que a interpretação dada aos predicados estativos faseáveis com o progressivo em português brasileiro é a de transição de fases de um dado estado e descrevemos o comportamento heterogêneo das subclasses de estativos quanto à implicação dessa transição, contrastando o progressivo com o presente simples. No Capítulo 3, apresentamos a nossa análise para o emprego do progressivo com estativos faseáveis em português brasileiro, comparativamente com o que foi proposto por Parsons (1990) para o inglês. A proposta se baseia na ideia de eventos subatômicos, por meio da qual buscamos captar a interpretação semântica de transição de estados dos predicados estativos faseáveis que aceitam o progressivo. Ao final, apresentam-se as conclusões do trabalho.

CAPÍTULO 1

Sobre a combinação da perífrase progressiva com predicados estativos

Neste capítulo apresentamos algumas propostas de análise já desenvolvidas a respeito do tema desta dissertação, a saber, a combinação da perífrase progressiva com predicados estativos. O capítulo 1 se divide em sete seções, sendo cada uma delas, voltada à descrição de um trabalho sobre o progressivo e suas possibilidades de ocorrência com verbos estativos. Começamos, na seção 1.1, discutindo o trabalho de Mufwene (1984) voltado para o inglês. Na seção 1.2, apresentamos os trabalhos de Cunha (1998, 2004) sobre o português europeu. As outras cinco seções tratam especificamente das possibilidades de combinação da perífrase progressiva com estativos no português brasileiro. Assim, na seção 1.3, discutimos a proposta de Wachowicz (2003). Na seção 1.4 trazemos o trabalho de Basso & Ilari (2004). Na seção 1.5 fazemos referência ao trabalho de Gonçalves (2004). Na seção 1.6 discutimos a proposta de Bastos (2004). Finalmente, na seção 1.7 apresentamos o trabalho de Bertucci & Lunguinho (2013).

1.1 Mufwene (1984)

O autor argumenta que o teste da ocorrência na perífrase progressiva, apresentado por Vendler (1967), talvez não seja tão eficaz para distinguir predicados estativos das demais classes aspectuais de predicados e sugere que a classificação proposta por Vendler (1967) seja repensada no que tange especificamente aos estativos.

Mufwene retoma a ideia de que o critério mais comum para reconhecer predicados estativos é o fato de eles não ocorrerem no progressivo. Quando tais predicados ocorrem, eles são analisados como atividades:⁷

⁷ O autor credita essa observação ao Leech e Svartivk (1970).

- (1) The doctor is feeling her pulse.
‘O médico está tomando o pulso dela.’
- (2) We’ve been tasting the soup.
‘Nós estamos tomando a sopa.’
- (3) John is being a martyr.
‘João está sendo um mártir.’
- (4) What are you thinking about?
‘O que você está pensando?’

[MUFWENE, 1984, p. 6]

Nos dados de (1) a (4), Mufwene argumenta que os verbos *feel* ‘sentir’, *taste* ‘saborear’, *be* ‘ser’ e *think* ‘pensar’ podem ser interpretados como atividades e, possivelmente, nessa interpretação, qualquer estativo pode ocorrer com o progressivo, mesmo que seja difícil encontrar contextos em que isso ocorra. A partir dessa afirmação, Mufwene conclui que o progressivo não parece ser um teste eficaz para diferenciar predicados estativos de predicados não-estativos. Ele sugere, então, que a distinção binária entre estativos e não-estativos está equivocada, uma vez que os verbos do inglês podem ser organizados em uma escala gradativa de estatividade, na qual, em tese, qualquer verbo pode ser estativizado.

Mufwene (1984) hipotetiza que a interpretação progressiva, e não o seu emprego com estativos, decorre do fato de que o progressivo delimita ou quantifica estativos. O autor utiliza os seguintes dados para desenvolver sua argumentação:

- (5) a. The statue is standing there.
‘A estátua está ficando lá’
- b. The statue stands there.
‘A estátua fica lá’
- (6) a. His body is standing here.
‘O seu corpo está ficando aqui’

b. His body stands here.

‘O seu corpo fica aqui’

[MUFWENE, 1984, p. 21]

Segundo o autor, os dados (5a) e (6a) remetem a um estado de coisas transitório ou não-permanente, de tal forma que a estatividade lexical pode garantir apenas um potencial para um estado permanente, mas não assegura que sempre se pode obtê-lo. Se o sentido de permanência é obtido, a sentença não precisa ser progressiva. Por isso, o progressivo é empregado para denotar um estado de coisas transitório/não-permanente. Dada a duração do período de tempo, o progressivo é utilizado para delimitar e quantificar o verbo estativo, resultando numa leitura em que o evento é verdadeiro no momento de fala e não precisa ter sido verdadeiro no passado. Contrariamente, presume-se que o estado de coisas denotado nas sentenças (5b) e (6b) tenha sido verdadeiro no passado e se espera que assim o seja no futuro, do que se obtém a interpretação habitual, diferente do momento de fala, nesses dados.

Mufwene (1984) defende que o progressivo funciona gramaticalmente como um aspecto estativizante, especialmente quando combinado com verbos não-estativos, já que designa uma duração transitória para a interpretação dos verbos que delimita ou quantifica. Estativos lexicais, principalmente os que são marcados por um sentido de permanência, têm mais restrições para aceitar o progressivo porque a estatividade é o potencial de uma duração permanente/não-transitória, contrariando o valor do progressivo, um delimitador e quantificador gramatical transitório/não-permanente. Em (7), por exemplo, o progressivo como aspecto estativizante converte eventos pontuais em eventos de longa duração e eventos de longa duração (estativos lexicais) em estados transitórios de curta duração:

(7) a. The wall is cracking.

‘A parede está rachando’

b. Tom is staying with his family (this month).

‘Tom estará ficando com sua família (este mês)’

[MUFWENE, 1984, p. 36]

Diante desses fatos, o autor levanta algumas questões sobre progressivos e estativos, entre elas:

Questão 1

Qual é a real natureza do contraste e da delimitação entre sentenças sem o progressivo e sentenças com o progressivo como (8) e (9)?

(8) Does Tina hate the wrong person?

‘A Tina odeia a pessoa errada?’

(9) Is Tina hating the wrong person?

‘A Tina está odiando a pessoa errada?’

[MUFWENE, 1984, p.4]

Questão 2

Qual a relevância de se assumir a existência de uma classe de estativos?

Para responder à primeira questão, Mufwene argumenta que (8) tem uma leitura habitual composta por um estativo lexical *hate* ‘odiar’ – que já denota um potencial para um estado permanente/não transitório. Em (9), por sua vez, o progressivo age como um delimitador ou quantificador do verbo estativo e designa uma duração transitória. O verbo *hate*, em uma escala gradativa de estatividade, é um verbo de alto potencial de permanência, portanto, a leitura com o progressivo em (9) tende a ser mais restringida, embora possível. A conclusão do autor é que existe somente uma classe estativa, que é gradativa quanto a sua estatividade e que não apresenta fronteiras claras. A distinção entre verbos estativos e eventivos por meio do progressivo não é necessária já que qualquer um desses verbos possui um potencial de combinação com o progressivo.

Segundo Mufwene, a proposta de uma escala gradativa de estatividade explica melhor as flexões temporais em inglês entre o presente simples e o presente progressivo ao invés da distinção tradicional de que construções no presente simples sem o progressivo são estativas, e construções com o progressivo não são estativas. Em (8) e (9), o autor expõe as diferenças flexionais com base na perspectiva da gradatividade lexical do verbo estativo *hate* ‘odiar’; por isso o emprego desse verbo tanto no presente simples quanto no progressivo é possível.

Em relação à segunda questão, Mufwene (1984) conclui que a tradicional distinção entre verbos estativos e verbos não-estativos é enganosa em relação a suas fronteiras e delimitações, e que os verbos da língua inglesa compõem uma única classe gradativa quanto ao seu potencial de duração. O traço semântico dos estativos [+permanente/-transitório] está

integrado ao léxico da língua inglesa em graus diversos e em verbos diversos, variando de uma expectativa zero de duração a uma expectativa total de duração. Quanto à gramática, o traço estativo determina como um verbo deve ser flexionado, especialmente no presente, com ou sem o progressivo. Finalmente, quanto à morfologia, o traço estativo demonstra, modifica e atenua as opções morfológicas disponíveis do estado e em quais contextos eles ocorrerão.

1.2 Cunha (1998, 2004)

Trazendo a discussão para o âmbito do português europeu, Cunha (1998, 2004) realiza um estudo sobre o progressivo nessa língua. De acordo com o autor, o progressivo tem caráter estativo e transforma as classes aspectuais em eventos estativos.

Cunha propõe que o progressivo denota um evento em curso ou em progresso, durativo e incompleto. Se o evento está em curso, isso implica que há certa duração, e se está em progresso, isso implica que não foi completado ou que não atingiu seu ponto de culminação.

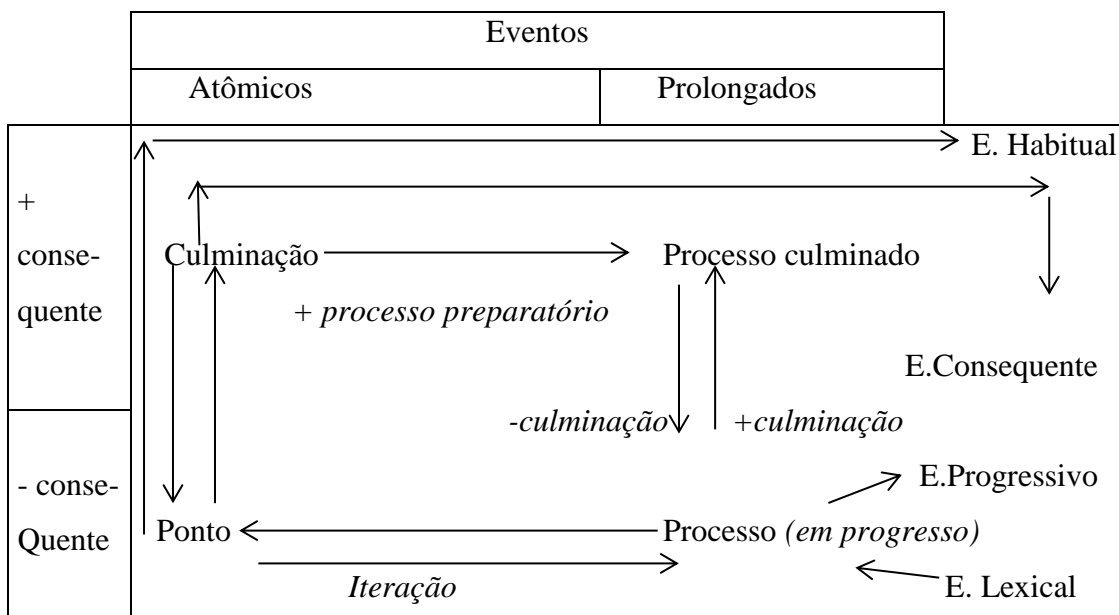
O autor desenvolve sua argumentação pela proposta de Moens (1987) sobre o progressivo no inglês. Moens (1987) defende que as classes aspectuais (estados, atividades, processos culminados e culminações) se organizam em termos de uma rede aspectual, na qual podem ocorrer transições de uma classe para outra. A rede aspectual proposta pelo autor pode derivar eventos por meio de fases dentro de uma rede aspectual. As fases da rede aspectual que compõem um evento são as seguintes:

- (i) Fase preparatória: marcada por um período alargado, divisível e homogêneo;
- (ii) Ponto de culminação: marcado por ser um período atômico, indivisível e
- (iii) Estado resultante: fase estativa que dá conta das consequências do resultado de finalização de um evento télico.

Essas fases ocorrem com todas as classes aspectuais que entram na rede e a interpretação progressiva é um dos subprodutos possíveis dessa rede. Cunha (1998) afirma que o progressivo é um estativizador das classes aspectuais e que certas classes de verbos conseguem se tornar estativas por meio do progressivo. Em relação aos estativos, o autor propõe que estados puros não entram na rede e, por essa razão, não possuem um *output*

progressivo. A rede transforma atividades em estados progressivos, faz com que processos culminados e culminações percam a culminação e se tornem um processo progressivo.

No intuito de representar transformações por meio de perdas e ganhos de fases que permitisse a transição de uma classe aspectual para outra, Cunha (1998) aproveita a rede aspectual de Moens (1987) que propõe derivar todas as classes de eventos e estados a partir do esquema a seguir. De acordo com essa proposta teórica, os estados não entram no esquema, os processos culminados possuem apenas duas fases – o processo preparatório e o ponto de culminação –, as atividades denotam apenas o processo preparatório e as culminações apresentam apenas o ponto de culminação.⁸



[CUNHA, 1998, p. 25]

Cunha (1998, 2004) propõe que a razão pela qual alguns estativos ocorrem com a construção progressiva é o fato de que esses estativos são [+faseáveis], ou seja, se transformam temporariamente em processos que podem ser divididos internamente em intervalos de tempo distintos, permitindo a transição de um *input* estativo a um *output* processual.⁹ Em outras palavras, esses estativos se transformam em processos e, por isso, conseguem transitar entre as duas classes aspectuais, como em (10):

⁸ Pontos, uma classe aspectual que Vendler (1967) não menciona, transformam-se em processos iterados com a forma progressiva.

⁹ A proposta a ser desenvolvida nesta dissertação, embora corrobore a noção de faseabilidade proposta por Cunha (1998, 2004), apresenta um tratamento distinto para o emprego do progressivo com predicados estativos faseáveis, como será discutidos nos Capítulos 2 e 3.

(10) Pedro está a ser simpático com os colegas.

[CUNHA, 2004, p. 352]

Segundo o autor, a sentença acima é um caso de estativo [+faseável], pois suas propriedades internas e composicionais aceitam a transição, de forma que não há uma redundância estativa que poderia bloquear a progressividade. Em contrapartida, a sentença em (11) é considerada por Cunha (1998) como um caso de estativo [-faseável], cujas propriedades internas e composicionais bloqueiam a transição fásica, tornando o progressivo redundante e antieconômico.

(11) *João está sendo alto.

[CUNHA, 1998, p. 21]

A noção de faseabilidade, de acordo com o autor, pertence fundamentalmente ao domínio aspectual. Os estativos que têm o traço [+faseável] admitem uma alteração do perfil aspectual básico, enquanto os que têm o traço [-faseável] não admitem tal alteração. Ao transitar de uma fase para outra, os eventos apresentam alterações no nível da estrutura temporal interna, tornando-se eventos do tipo dinâmico.

1.3 Wachowicz (2003)

A tese de Wachowicz (2003) é um estudo sintático-semântico dos empregos do progressivo em português brasileiro e visa formalizar derivações com diferentes leituras aspectuais proporcionadas pelo progressivo, além de propor uma análise baseada no modelo teórico proposto por Verkuyl (1993,1999) para dar conta da sintaxe e da semântica do progressivo.¹⁰

Investigando a formação e o papel do verbo auxiliar *estar* na forma progressiva no português brasileiro, Wachowicz (2003) propõe que esse verbo passou por um processo de

¹⁰ A proposta desenvolvida pela autora baseia-se em uma análise composicional, na qual são levados em conta: o auxiliar *estar*, a forma de gerúndio *-ndo*, os traços sintáticos [+/-ADD TO] do verbo, o argumento interno composto por um NP com traços [+/-SQA], e o argumento externo identificado por meio de modificações adverbiais (cf. VERKUYL, 1993, 1999).

gramaticalização que resultou nos traços necessários para se tornar um verbo auxiliar da perífrase progressiva. Como verbo pleno nos séculos XII a XV, *estar* foi um verbo intransitivo com o sentido “de ficar em pé” (cf. 12), em que *estando* atua como verbo pleno coordenado a *rogando* e a *louvando*. Depois passou a ser um locativo temporal (*estar* + SP/Adv) e, em seguida, um locativo espacial atributivo, formando a construção *estar* + *-ndo*.

- (12) E, *estando* [ele] a hua feestra rogando Nosso Senhor e louvando-o mui de coraçõ, viu hua lua viir... (*estar*: não-deslocamento; posição de pé)

[WACHOWICZ, 2003, p. 19]

Nesse sentido, *estar* adquiriu comportamento de verbo auxiliar, perdendo assim o significado de verbo pleno, como demonstra (13), em que *estou* não faz mais sentido isoladamente na sentença e a relação com *servindo* não é de coordenação.

- (13) Igreja em que ora eu *estou* servindo pela outoridade de Deus.

[WACHOWICZ, 2003, p. 20]

Após analisar o processo de gramaticalização do auxiliar *estar*, Wachowicz (2003) propõe três diferenças entre o progressivo do português brasileiro e o de outras línguas como o espanhol, o inglês e o alemão: a) a possibilidade de o progressivo se combinar com predicados estativos, b) as possibilidades de flexão para o verbo auxiliar da perífrase progressiva e c) a possibilidade de intercalação de advérbios entre os verbos da perífrase.

O português brasileiro e o espanhol são línguas românicas enquanto o inglês e o alemão são línguas germânicas. O primeiro grupo faz distinção entre *ser* e *estar*, consagrando a distinção existente no latim vulgar entre *essere* e *stare*, enquanto as línguas germânicas empregam um mesmo verbo *be* ou *sein*, com sentido de *ser* e de *estar*.

Das quatro línguas apresentadas, a que aceita o progressivo com estativos mais livremente é o português. O espanhol aceita tal combinação em contextos bem específicos. Já o inglês e o alemão teoricamente não deveriam aceitar a combinação com estativos. Os dados abaixo mostram que apenas em (14a) um verbo estativo (*saber*) aparece com o progressivo. Nas demais línguas, o verbo estativo ocorre no presente simples:

- (14) a. Eu não estou sabendo dessa novidade. (português brasileiro)
 b. Jo non conosco essa novedad. (espanhol)

- c. I don't know this news. (inglês)
 d. Ich weiss noch nicht über diese Neugkeit. (alemão)

[WACHOWICZ, 2003, p. 26]

A segunda distinção entre essas quatro línguas se dá no plano estrutural. O auxiliar progressivo pode ser flexionado no pretérito perfeito em português e em espanhol (15a,b), mas não em inglês e alemão (15c,d). O inglês utiliza-se de estruturas com o perfeito e o alemão utiliza-se de estruturas de coordenação:

- (15) a. Ele esteve aí me procurando.
 b. El estuvo buscándome allá.
 c. He has been there looking for me
 Literalmente: Ele tem estado aqui procurando por mim.
 d. Er war da und suchte mich.
 Literalmente: Ele estava aqui e procurou a mim.

[WACHOWICZ, 2003, p. 27]

A terceira diferença entre as quatro línguas é que o português brasileiro e o espanhol aceitam intercalações entre os membros da perífrase, enquanto o inglês e o alemão não aceitam:

- (16) a. Eles estão *ali* arriscando a vida.
 b. Ellos estan *allá* arriesgando la vida.
 c.*They are *there* risking their lives¹¹.
 d.*Die ist *dort* riskieren das Leben.

[WACHOWICZ, 2003, p. 27]

De acordo com Leiss (2000) e Vlach (1981), citados por Wachowicz (2003), a razão para as diferenças apontadas acima pode ser de caráter diacrônico. Em português brasileiro e em espanhol, a perífrase progressiva derivou de dois verbos plenos, enquanto que, em inglês e em alemão, ela derivou de uma sentença estativa com sintagma preposicionado adverbial:

¹¹ No inglês americano, diferentemente do inglês britânico, a forma do progressivo parece aceitar intercalações em alguns casos. Por exemplo, *He was there looking for me* é uma sentença aceitável para os norte-americanos (cf. WACHOWICZ, 2003).

(17) a. John is [on / at / a-] hunting.

Literalmente: João é / está [em / a] caçar/caça.

b. Ich bin am Nachdenken.

Literalmente: Eu estou a / em refletir / reflexão.

Após essa análise sobre o auxiliar *estar* e sobre as diferenças básicas entre o português brasileiro, o espanhol, o inglês e o alemão, no que diz respeito ao progressivo, Wachowicz (2003) apresenta os elementos necessários para a análise composicional do progressivo na perspectiva teórica de Verkyul (1993,1999).

No modelo desenvolvido por Verkuyl, os traços sintáticos são [\pm ADDTO], *additive* em inglês, e [\pm SQA], *specified quantity of an individual*. Esses traços se relacionam, respectivamente, com os verbos e com os sintagmas nominais, doravante SNs. Os verbos podem ser dinâmicos, [+ADDTO] – como, por exemplo, *eat* ‘comer’, *walk* ‘andar’, *drink* ‘beber’ –, ou estativos, [-ADDTO] – como *not drink* ‘não beber’ *want* ‘querer’, *hate* ‘odiar’. Já os SNs podem ter uma quantidade definida ou indefinida. A combinação desses traços define os valores sintático-semânticos terminativos e durativos (WACHOWICZ, 2003).

A leitura composicional do progressivo se dá, portanto, por meio da estrutura argumental da sentença. Uma sentença típica com o progressivo tem a seguinte representação esquemática:

A sentença (estruturas intransitivas e transitivas)				
o argumento externo	o verbo <i>estar</i>	o verbo no gerúndio [\pm ADDTO]	o argumento interno [\pm SQA]	a modificação adverbial adv. Episódicos e adv. momentâneos / adv. iterativos / adv. Habituais
<i>Aspectualidade interna</i>				<i>Aspectualidade externa</i>

[WACHOWICZ, 2003, p. 92]

Segundo a autora, o argumento externo na função de sujeito pouco interfere nas leituras aspectuais com o progressivo. O verbo *estar* está sofrendo um processo de

gramaticalização e não desempenha um papel determinante na leitura aspectual, apenas carrega informações temporais e de concordância. O verbo no gerúndio, *-ndo*, atua como operador em posição de ASP α , em outras palavras, de aspectualidade interna, independente dos valores [+ADDT0] e [+SQA]. O argumento interno é composto por traços sintáticos [+SQA]. Finalmente, a modificação adverbial faz parte da aspectualidade externa (ASP α ') e funciona de forma recursiva na sentença.

A análise do progressivo adotada por Wachowicz (2003) é baseada em Castilho e Moraes de Castilho (1994) e propõe que a aspectualidade interna (ASP α) é responsável pela leitura aspectual durativa, bem por outros valores aspectuais, mas é na cardinalidade do SN na posição de argumento interno, em associação com índices de natureza lexical do verbo principal, que se concentram as leituras de valores possíveis com o progressivo: episódico, iterativo, habitual e permansivo. A instanciação temporal é lida sobre toda a derivação aspectual, em Infl, relacionando-se com o momento de fala.

1.4 Basso & Ilari (2004)

Os autores desenvolvem uma análise semântica das construções estativas com o progressivo em português brasileiro. Eles afirmam que, em tese, verbos estativos não podem funcionar com o imperativo, com a perífrase progressiva e com adjuntos temporais que respondem à pergunta “por quanto tempo?”.

Assim como Wachowicz (2003), os autores propõem uma análise semântica composicional dos predicados estativos, em que todos os elementos da sentença interagem para a formação da predicação estativa. Devido aos inúmeros casos que fogem da caracterização típica dos estativos, Basso & Ilari (2004) mostram que há duas posições opostas sobre os estativos:

- (i) os estativos não compõem uma classe ou,
- (ii) os estativos compõem uma classe com subdivisões internas.

Os autores optam pela segunda possibilidade e, com base em Bertinetto (1986, 1991), tentam mostrar que os critérios que têm sido utilizados para analisar os estativos como uma classe unificada nem sempre produzem os mesmos resultados.

Basso & Ilari (2004) apresentam dados com emprego do progressivo por meio da perífrase progressiva, verbo auxiliar *estar* + marca morfológica de gerúndio *-ndo*, que podem ou não ter aspecto progressivo. Os autores propõem que nem sempre o emprego do progressivo equivale ao aspecto progressivo. O aspecto progressivo é alcançado somente quando a predicação estativa possui um sentido télico, como alvo ou meta, diferente do sentido tradicional de télico, um estado ou evento com ponto de culminação. Em outros contextos, a perífrase progressiva se manifesta morfológicamente, mas não apresenta o aspecto progressivo proposto pelos autores. Essa distinção serve para corroborar a subdivisão da classe estativa.

De acordo com Basso & Ilari (2004), o progressivo é uma propriedade aspectual de um evento (e não de uma classe acional) e funciona como um “particularizador” de eventos (cf. Bertinetto, 1991, 1997, *apud* Basso & Ilari, 2004), ou seja, um evento expresso na forma progressiva faz referência a uma fase do evento em curso. O progressivo focaliza um instante singular do evento e nada pode ser dito sobre o que está para além do ponto focalizado.

O progressivo em português brasileiro, segundo os autores, pode se dar por meio da perífrase progressiva ou por meio de construções com o pretérito imperfeito. Nessa língua, verbos estativos podem aparecer com a perífrase, como se vê em (18):

- (18) a. João está amando Maria.
 b. João está se sentindo cansado.
 c. João está tendo uma dor de cabeça.

[BASSO & ILARI, 2004, p.18]

Já em dados como (19), a combinação da perífrase progressiva com verbos estativos não é possível:

- (19) a. *Rio Claro está se localizando no interior de São Paulo
 b. *O livro de Gênesis está pertencendo ao Pentateuco.
 c. *João está sendo gordo.

[BASSO & ILARI, 2004, p.18]

Nos dados de (20) a (25), os verbos estativos que possuem o traço semântico [+mudança] aceitam a perífrase progressiva, mas não recebem uma interpretação estativa:

- (20) a. João é alto.
b. João está alto.
- (21) a.(?) João está sendo alto.
b. João está ficando alto.
- (22) a. João é magro.
b. João está magro.
- (23) a.(?) João está sendo magro.
b. João está ficando magro.
- (24) a. A cidade é montanhosa.
b. (?) A cidade está montanhosa.
- (25) a. (?) A cidade está sendo montanhosa.
b. (?) A cidade está ficando montanhosa.

[BASSO & ILARI, 2004, p.18-19]

Os autores propõem que sentenças com o traço [+mudança] apresentam aspecto progressivo porque não expressam o sentido nocional das predicções estativas, ou seja, não expressam um estado homogêneo e sem culminação, mas sim uma interpretação télica. O sentido télico proposto tem a ver com o fato de a predicação estativa se comportar como um fim ou meta. Essa definição é diferente do sentido tradicional de predicado télico. Essa mudança de comportamento e de interpretação é a razão para os autores atribuírem o nome desse traço semântico de [mudança]. Sendo assim, os exemplos em (21), (23) e (25) são diferentes dos demais e formam uma subclasse na classe estativa porque somente estes apresentam aspecto progressivo.

Em (26), os autores apresentam um dado com a perífrase progressiva que não é contemplado pela proposta acima. Esse dado pode ser analisado como estando no tempo presente com um sentido transitório: a estátua está temporariamente na prefeitura, mas será deslocada a um outro destino no futuro.

- (26) A estátua está ficando na prefeitura.

Portanto, o progressivo pode ser empregado morfologicamente com verbos estativos que possuem o traço [+mudança] e também com sentenças no presente que possuem um sentido transitório.

Os dados a seguir também apresentam o emprego do progressivo com a mesma forma morfológica, mas com um contexto diferente. Em (27) e (28), de acordo com Basso & Ilari (2004), tem-se um caso de presente semântico em português porque o momento de fala ou enunciação é igual ao momento da asserção ou declaração. Diferente da forma morfológica do presente do indicativo, que, na maioria das vezes, se refere a leis gerais e atemporais como “A terra gira em torno do sol”, que não demonstram uma relação igualitária entre o momento de fala e o momento de asserção. Antes de enunciar a sentença, a asserção já ocorreu em a “A terra gira em torno do sol” e a forma morfológica gera uma interpretação habitual que não se encontra em progresso.

(27) João está sendo sincero.

(28) João está gostando do filme.

[BASSO & ILARI, 2004, p. 20]

A partir dos fatos acima, Basso & Ilari (2004) propõem que a classe estativa não é unificada, mas sim subdividida em quatro subclasses, quais sejam:

- (i) Verbos estativos que não aceitam a perífrase progressiva: exemplos (19 a, b, c)
- (ii) Verbos estativos detentores do traço semântico de [+mudança] com sentido télico: exemplos (21), (23) e (25)
- (iii) Verbos estativos com o tempo presente e com sentido transitório: exemplo (26)
- (iv) Verbos estativos com o tempo presente: exemplos (27) e (28).

Todas as classes possuem a mesma forma morfológica do progressivo, mas apenas a subclasse (ii) é exemplo de aspecto progressivo.

O traço semântico [+mudança] possibilita a ocorrência do aspecto progressivo, as subclasses (iii) e (iv) mostram o emprego da construção progressiva por meio de *estar-ndo*, mas sem o sentido télico. Portanto, de acordo com os autores, essas duas subclasses empregam estativos com o progressivo por meios morfológicos, mas não denotam o aspecto progressivo.

1.5 Gonçalves (2004)

Gonçalves (2004) propõe que construções com *estar-ndo* são semanticamente habituais e servem para fazer generalizações sobre situações. Segundo ele, a interpretação progressiva é derivada por meio de fatores de natureza pragmática. O autor afirma que tratar as construções *estar-ndo* primeiramente como habituais e secundariamente como progressivas garante mais homogeneidade, não precisando assim considerar as evidências linguísticas em inglês e no português brasileiro como fenômenos diversos.¹²

Segundo Gonçalves (2004), o progressivo funciona como teste para separar, por um lado, predicados télicos de predicados atélicos e, por outro, predicados atélicos de predicados estativos. Gonçalves afirma que Vendler (1967) toma como evidente que os testes com o progressivo possam variar de língua para língua.

O autor (2004) concorda que em inglês as construções progressivas *be-ing* diferenciam estados de eventos télicos, já a construção progressiva portuguesa *estar-ndo* não faz tal distinção. Para ele, o progressivo é muito frequente com estativos em português brasileiro e tratar a combinação de predicados estativos com a perífrase progressiva como um mero realce ou contraste não parece adequado. Os predicados estativos no progressivo continuam sendo estativos em português, e não verbos que se transformaram temporariamente em processos, porque eles falham em testes que separam estativos das outras classes aspectuais. A agramaticalidade com advérbios demonstra que não houve transformação do predicado estativo em processo porque, se isso tivesse acontecido, as sentenças em (29) e (30) seriam gramaticais:

(29) *Às vezes, Maria está amando o João.

(30) *Vez ou outra, Pedro está entendendo o problema.

[GONÇALVES, 2004, p. 146]

Após apresentar algumas características de estativos com a perífrase progressiva em português brasileiro, Gonçalves (2004) descreve as interpretações que podem se associar a essa perífrase.

O progressivo gera uma alternância entre duas leituras em português, que podem ser ilustradas com o exemplo (31):

¹² O trabalho de Gonçalves (2004) compara o progressivo em português brasileiro e em inglês. Abordaremos, nesta seção, apenas os dados do português, já que este é o foco da pesquisa.

(31) O João está lendo o jornal.

[GONÇALVES, 2004, p. 144]

A primeira leitura de (31) é de que o intervalo do processo relevante não é contínuo e o momento de fala não coincide com o subintervalo em que o processo está realmente acontecendo. O autor chama essa leitura de descontínua. A segunda leitura é contínua e inclui o momento de fala. Gonçalves (2004) afirma que alguns falantes brasileiros, em contextos *out of the blue*, elegem a interpretação contínua como a leitura preferida e distintiva de (31). Porém, com sentenças e contextos em que se possa testar a interpretação habitual, nota-se que o progressivo não é efeito da construção *estar-ndo*, mas sim da interação de outros elementos na sentença.

O autor usa os dados a seguir para mostrar que a interpretação habitual ou descontínua é clara em português em três contextos:

(32) Focalização

- a. O menino está colando.
- b. O copo está quebrando.

(33) Com alguns substantivos simples e complexos

- a. O turista está sujando a praia.
- b. O professor do ensino primário está pensando em mudar de emprego

(34) Com alguns verbos

- a. Aquele cachorro está desistindo de esperar sobra de comida.
- b. O panda está se extinguindo

[GONÇALVES, 2004, p. 145]

As sentenças acima apresentam a perífrase progressiva e, se falantes captarem, por meio de contextos adequados, que o momento de fala não coincide com o momento da asserção, eles concluirão que as sentenças em exame possuem uma leitura descontínua.

Para entender a fonte das leituras contínuas e descontínuas, o autor baseia-se em Carlson (1977), que propõe a existência de dois tipos de entidades: as do tipo indivíduo (do inglês, *individual*) e as do tipo situação (do inglês, *stage*). As entidades do tipo indivíduo são

subdivididas em tipos (do inglês, *kinds*) e objetos (do inglês, *objects*). As entidades do tipo situação são definidas como um grupo que possui uma relação R com o indivíduo, a qual pode ser uma relação de tipos e de objetos. As classes verbais se diferenciam quanto ao tipo de argumento que selecionam: os estativos são do tipo indivíduo e selecionam uma relação de tipos e de objetos, enquanto os eventivos selecionam argumentos do tipo situação. Com base nisso, uma sentença com dois argumentos pode gerar quatro interpretações, como se vê a seguir:

(35) O urso está atacando o vilarejo.

[GONÇALVES, 2004, p. 149]

O argumento *o urso* pode ser visto como um animal genérico (*stage_{kind}*), ou como um animal específico (*stage_{object}*); o argumento *o vilarejo*, por sua vez, pode ser visto como um vilarejo genérico (*stage_{kind}*) ou como um vilarejo específico (*stage_{object}*). As relações possíveis entre tipo de indivíduo e tipo de situação aparecem descritas abaixo (o quadro foi adaptado de Gonçalves, 2004, p. 149):

Tipo semântico dos argumentos		Leituras	
[o urso]	[o vilarejo]		
<i>stage_{kind}</i>	<i>stage_{kind}</i>	*Contínua	✓Descontínua
<i>stage_{object}</i>	<i>stage_{kind}</i>	*Contínua	✓Descontínua
<i>stage_{kind}</i>	<i>stage_{object}</i>	*Contínua	✓Descontínua
<i>stage_{object}</i>	<i>stage_{object}</i>	✓Contínua	✓Descontínua

[GONÇALVES, 2004, p. 149]

Como se vê, a combinação dos tipos semânticos dos argumentos gera três leituras descontínuas (D) e, apenas quando o argumento externo *o urso* e o argumento interno *o vilarejo* são ambos do tipo *stage_{object}*, derivam-se uma leitura contínua e uma descontínua.

Gonçalves (2004) afirma que a ambiguidade gerada quando os dois argumentos da sentença (36) são do tipo *stage_{object}* pode ser eliminada se a leitura descontínua for basicamente uma noção semântica e a contínua (progressiva) for uma noção pragmática, relacionada ao discurso. O autor sugere que fatores extralinguísticos como evidência direta de

um ataque do urso ao vilarejo, gritos por parte da população, ou a presença de um urso furioso sirvam para capturar a interpretação progressiva.

Portanto, a interpretação progressiva para Gonçalves (2004) é resultado de uma leitura contínua de cunho pragmático em que a sentença denota argumentos do tipo situação objeto.

1.6 Bastos (2004)

Também focalizando os dados do português brasileiro, Bastos (2004) propõe que o operador progressivo tem que ter escopo sobre algum elemento marcado com o traço semântico [+stage]. A pergunta de pesquisa que Bastos (2004) se propõe a responder é se a classificação de Vendler (1967) funciona translinguisticamente e se o significado do progressivo também é o mesmo translinguisticamente. A hipótese da autora é a de que a diferença entre o português e o inglês esteja no verbo auxiliar flexionado (*is / está*) e em advérbios ou outros elementos que interagem na sentença e que, de fato, a classificação aspectual de Vendler (1967) funciona translinguisticamente.

A autora observa que o progressivo é utilizado como teste para separar estados e culminações de um lado de atividades e processos culminados, porém, em português, a perífrase progressiva ocorre com as quatro classes aspectuais. A facilidade com que a perífrase ocorre nessa língua independe, segundo a autora, da presença de advérbios ou orações subordinadas com *quando*, como mostram os exemplos (36) e (37), retirados de Bastos (2004, p. 43-44):

(36) Estado: Eu estou amando João (mais e mais.)

(37) Culminação: Eu estava alcançando o topo, (quando quebrei a minha perna)

A composicionalidade da interpretação aspectual implica que a classe aspectual não se encontra em V, V', ou VP, mas na interação de todos os elementos na sentença. Bastos (2004) adota o refinamento da análise de Vendler (1967), proposto por Rothstein (2004), e apresenta as classes vendlerianas definidas a partir dos seguintes traços:

(38) Traços das classes aspectuais vendlerianas: proposta de Rothstein (2004)

Culminações	(+telic), (-stage)
Processos culminados	(+telic), (+stage)
Estados	(-telic), (-stage)
Atividades	(-telic), (+stage)

Bastos (2004) define telicidade como ponto de culminância ou ponto final natural e estágio como algo dinâmico em um intervalo de tempo. Tanto o português brasileiro quanto o inglês passam nos dois testes de telicidade indicados pela autora. O primeiro teste, em (39) e (40), mostra que estados e atividades, tanto em português brasileiro como em inglês, ocorrem com expressões adverbiais do tipo *por X tempo*. Em contrapartida, processos culminados e culminações falham no teste, como em (41) e (42):

(39) a. John loved Mary for years.

b. João amou Maria por anos.

(40) a. John ran for hours.

b. João correu por horas.

(41) a. *John built a house for days.

b. João construiu a casa por dias.

(42) a. *John arrived for hours.

b. João chegou por horas.

[BASTOS, 2004, p. 47]

O segundo teste diz respeito ao paradoxo do imperfectivo, segundo o qual atividades no imperfectivo implicam que a ação foi terminada ou concluída em um tempo passado, como em (43)-(44)¹³. Já com processos culminados, o aspecto imperfectivo não implica,

¹³ Se um evento qualquer é verdadeiro em relação a um tempo presente, então, quando perspectivado a partir do futuro, ele será, logicamente, verdadeiro no passado. No entanto, se esse tempo presente for representado através de formas do Progressivo, observamos que uma tal afirmação não dá conta do que realmente se passa com processos culminados e culminações. A verdade de “O João está lendo um livro” não implica que, para um dado futuro, “O João leu um livro” seja necessariamente verdadeiro (CUNHA, 1998).

necessariamente, o cumprimento da ação, quando transformada em passado, como nos exemplos (45)-(46):

(43) John is pushing the cart.

Implica John pushed the cart.

(44) João está empurrando o carrinho.

Implica João empurrou o carrinho.

(45) John was building a house

Não implica John built the house.

(46) João estava construindo uma casa.

Não implica João construiu a casa.

[BASTOS, 2004, p. 49-50]

De acordo com Bastos (2004), o paradoxo do imperfectivo com estados implica que a ação no passado foi terminada – cf. (47) e (48) –, enquanto com culminações e processos culminados, o paradoxo do imperfectivo implica que a ação no passado pode não ter sido finalizada, alguma coisa pode ter acontecido que impeça o evento de se realizar – cf. (49) e (50).

(47) John is loving Mary.

Implica John loved Mary

(48) João está amando Maria.

Implica João amou Maria

(49) I'm reaching the top.

Não implica I reached the top.

(50) Eu estou alcançando o topo.

Não implica Eu alcancei o topo.

[BASTOS, 2004, p. 50]

O que se pode concluir dos testes de telicidade é que o traço [$\pm telic$] é sistemático ou recorrente, isto é, pode sempre aparecer nos mesmos contextos tanto no inglês quanto no português brasileiro.

O segundo teste conduzido por Bastos (2004) aponta que estados e culminações não ocorrem como complemento de verbos de percepção, ao contrário dos processos e processos culminados.¹⁴ Por isso, estados e culminações possuem o traço [$-stage$] e atividades e processos culminados [$+stage$]. Esse segundo teste também mostra que o traço [$stage$] é sistemático em português brasileiro e em inglês.

(51) Estados

- a. *I saw Mary [know English]
- b. *Eu vi Maria [saber inglês]

(52) Culminações

- a. ?I saw Mary [notice the picture]
- b. ?Eu vi a Maria [notar a foto]

(53) Atividades

- a. I saw Mary [speak English]
- b. Eu vi a Maria [falar Inglês]

(54) Processos culminados

- a. I saw Mary [eat a sandwich]
- b. Eu vi a Maria [comer um sanduíche]

[BASTOS, 2004, p. 50]

De acordo com Bastos (2004), os testes que levam em conta os traços [$telic$] e [$stage$] confirmam que a classificação aspectual de Vendler se mantém tanto para o inglês quanto para o português brasileiro. O que fica por explicar é por que o progressivo é permitido com todas as classes nessa língua, mas apenas com processos culminados e atividades naquela. A resposta da autora é baseada na noção de operador progressivo de Landman (1992). Para ela,

¹⁴ Carlson (1977), Kratzer (1994) e outros (*apud* Bastos, 2004) já diziam que estados e culminações não ocorrem normalmente como complemento de verbos perceptivos em inglês, já atividades e processos culminados sim.

esse operador é o morfema de gerúndio *-ing* em inglês, ou o morfema *-ndo* do português brasileiro. Além disso, o operador progressivo deve ter escopo sobre algum elemento marcado com o traço [+*stage*]. O verbo auxiliar (*is*, em inglês, e *estar*, em português) pode ou não contribuir para a noção de *stage*.

De acordo com a autora, o operador progressivo é licenciado se e somente se o nó no sintagma verbal (VP) for uma propriedade de *stage*.¹⁵ Essa propriedade pode ser derivada da presença de algum elemento marcado com o traço [+*stage*]. O operador progressivo é concatenado à sentença em uma posição mais alta (possivelmente, a fase de Aspecto), tomando o VP como seu irmão.

No sistema proposto por Bastos (2004: 52), os requisitos do operador progressivo serão satisfeitos em três situações:

- I) Se existir um verbo do tipo processo culminado ou atividade no VP, porque essas classes possuem inerentemente o traço [+*stage*].
- II) Se houver algum advérbio sob o escopo do operador progressivo que possua o traço [+*stage*].
- III) Se existir um verbo auxiliar do tipo [+*stage*].

Segundo a autora, as situações I e II são universais e a opção III é possível em português brasileiro, mas não em inglês. A motivação para a opção III decorre do estatuto dos auxiliares empregados: o verbo auxiliar *estar*, em português brasileiro, é um predicado de situação (do inglês, *stage level predicate*), por isso, possui o traço [+*stage*] Em contrapartida, o auxiliar *be* do inglês é um predicado de indivíduo (do inglês, *individual level predicate*), por isso [-*stage*]. Os dados em (56) e (57) mostram que são pares mínimos, e a contribuição da leitura de predicado de situação vem de *está*, que é distintivo para a formação da perífrase.

(55) Maria *está* louca = Maria se encontra louca neste momento

Estar é um predicado de situação

(56) Maria *é* louca = Maria é intrinsecamente louca

Ser é um predicado de indivíduo

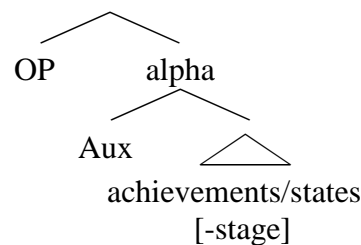
¹⁵ Este nó aparece como *alpha* nas derivações sintáticas em (59) e (60) ao final desta seção.

Por isso, segundo a autora (Bastos 2004: 53), a perífrase progressiva em português se constrói com *estar* e não com *ser*:

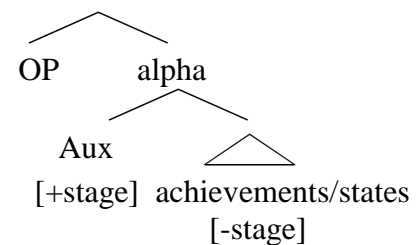
(57) Maria está / *é correndo / construindo uma casa / alcançando o topo / amando o João.

As representações arbóreas em (58) indicam como culminações e estados, se comportam em português brasileiro e em inglês, respectivamente (extraídas de Bastos, 2004, p. 55):

(58) a. inglês: agramatical



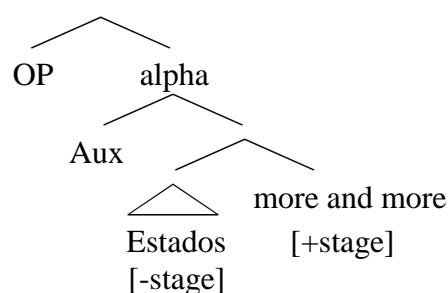
b. português brasileiro: gramatical



Em (58a), os verbos de culminação e estado possuem um traço *[-stage]* e o auxiliar *is*, por ser um predicado de indivíduo, também possui um traço *[-stage]*. Sendo assim, *alpha*, que é o nó irmão do operador progressivo, não pode adquirir um traço *[+stage]*, fazendo com que o progressivo nessas circunstâncias não seja licenciado. Em (58b), os verbos de culminação e estado possuem também um traço *[-stage]*, porém o auxiliar flexionado *está* é um predicado de situação, que carrega o traço *[+stage]*, com isso *alpha* pode adquirir esse traço, licenciando com mais facilidade a perífrase progressiva.

Nos casos em que estados aparecem com a perífrase progressiva, como em (59), nota-se que o operador progressivo tem escopo sobre o traço *[+stage]* da expressão adverbial *more and more*, licenciando o progressivo em construções com esse tipo de advérbio.

(59) inglês – grammatical



[BASTOS, 2004, p. 55]

Nesse caso, tanto o verbo auxiliar *is* quanto o verbo de estado no VP são [-*stage*], porém a expressão adverbial *more and more* é [+*stage*]. Com isso, *alpha* consegue absorver esse traço e satisfazer as exigências do operador progressivo por meio de uma relação de escopo, que licencia a perífrase progressiva com estados nesse tipo de construção.

1.7 Bertucci & Lunguinho (2013)

Partindo de uma perspectiva composicional sintático-semântica, o trabalho de Bertucci & Lunguinho (2013) propõe apresentar os elementos relevantes para as diferentes leituras progressivas com as classes aspectuais de Vendler (1967). Os autores utilizam como modelo teórico o trabalho de Dermidache e Uribe-Etxebarria (1997, 2000, 2002), retomando as propriedades das classes aspectuais de Vendler (1967) e a interação dessas classes com o progressivo.

Primeiramente, os autores observam que o progressivo precisa de um predicado que denote um evento em partes mínimas ou estágios. Estados e culminações não possuem essa propriedade; logo, em tese, seria impossível que esses aparecessem com o progressivo.

Em segundo lugar, os autores definem atividades como eventos em acontecimento ou em progresso nos quais as partes mínimas são idênticas ao evento como um todo. Em (60), pode-se ver que a leitura progressiva acarreta uma leitura perfectiva quando no passado (Bertucci & Lunguinho, 2013, p. 127).

(60) Pedro está correndo
Acarreta Pedro correu

Esse acarretamento não se dá com processos culminados e com culminações, pois os primeiros possuem alguns estágios naturais e os últimos não possuem, como se pode observar em (61a) e (61b):

(61) a. Pedro está escrevendo um soneto
Acarreta que algumas partes ou estágios do soneto já foram escritos.

b. Pedro está chegando

Acarreta que há um evento preliminar e que o evento real está prestes a ocorrer.

[BERTUCCI & LUNGUINHO, 2013, p. 127]

Com estados, o progressivo acarreta um estágio temporário e não necessariamente equivalente ao presente simples:

(62) Pedro está morando em Paris

Acarreta que Pedro mora em Paris

[BERTUCCI & LUNGUINHO, 2013, p. 127]

A pergunta que Bertucci & Lunguinho (2013) se fazem é: Como cada leitura é derivada dos diferentes tipos de eventualidades? Os autores propõem que é necessária uma análise composicional para obter as propriedades sintáticas e semânticas dos três componentes básicos de sentenças com o progressivo, a saber, o auxiliar *estar*, o morfema de gerúndio *-ndo* e a classe aspectual dos predicados.

Os autores adotam a proposta de Dermidache e Uribe-Etxebarria (1997, 2000, 2002) como modelo teórico. Nessa abordagem, Tempo (T) e Aspecto (Asp) são núcleos de natureza preposicional que relacionam os argumentos temporais da oração, que são os seguintes:

Sintagmas denotadores de tempo	Definição
<i>Utterance Time</i> (UT-T)	Tempo no qual a sentença é enunciada.
<i>Assertion Time</i> (AST-T)	Tempo no qual uma asserção é feita no qual o falante faz uma declaração.
<i>Event Time</i> (Ev-T)	Tempo no qual o evento ou estado denotado pelo sintagma verbal ocorre ou acontece.

[BERTUCCI & LUNGUINHO, 2013, p. 128]

Na análise de Demirdache & Uribe-Etxebarria (1997, 2000, 2002), há um paralelo estrito entre a sintaxe e a semântica de T e Asp: ambos funcionam como predicados diádicos que estabelecem relações topológicas entre argumentos temporais da oração. Tempo estabelece uma relação entre UT-T e AST-T e Aspecto, uma relação entre AST-T e Ev-T.

Três núcleos funcionais de natureza preposicional demonstram as relações topológicas entre intervalos de tempo (Dermidache & Uribe-Etxebarria, 1997, 2000, 2002):

Núcleo de Tempo	Relação	Significado
<i>Within</i>	UT-T está <i>incluído</i> em AST-T	Presente
<i>Before</i>	UT-T se localiza <i>antes</i> de AST-T	Passado
<i>After</i>	UT-T se localiza <i>depois</i> de AST-T	Futuro

[BERTUCCI & LUNGUINHO, 2013, p. 129]

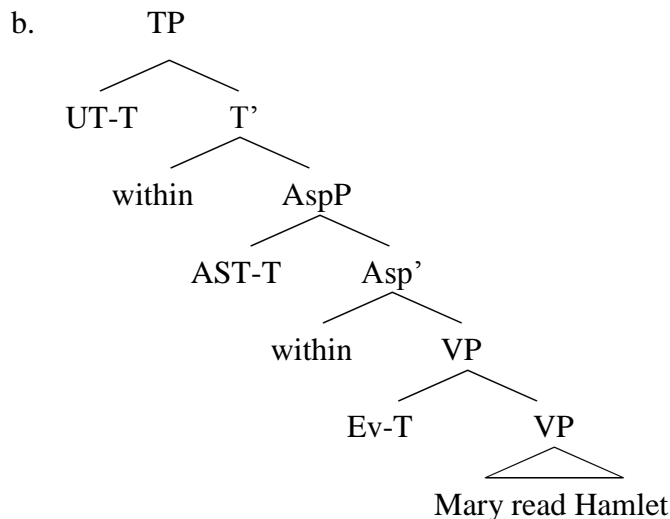
A relação entre AST-T e Ev-T, como já foi dito, é de aspecto e as preposições mencionadas a seguir criam as seguintes situações:

Núcleo de Aspecto	Relação	Significado
<i>Within</i>	AST-T está <i>incluído</i> em Ev-T	Progressivo
<i>Before</i>	AST-T se localiza <i>antes</i> de Ev-T	Perfectivo
<i>After</i>	AST-T é posto <i>após</i> Ev-T	Prospectivo

[BERTUCCI & LUNGUINHO, 2013, p. 129]

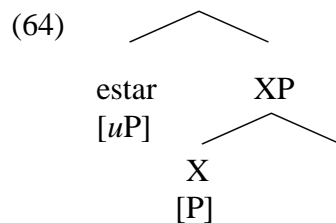
O progressivo é uma relação de inclusão entre o tempo da asserção (AST-T, do inglês, *Assertion Time*) e o momento do evento (EV-T, do inglês, *Event Time*). Com essas informações, Dermidache & Uribe-Etxebarria (2002, p. 131) conseguem derivar sintaticamente a sentença em (63):

- (63) a. Mary is reading Hamlet
 ‘Maria está lendo Hamlet’



A sentença está no tempo presente porque o momento de fala (UT-T) está incluído no momento de asserção (AST-T). Ela denota aspecto progressivo uma vez que o momento da asserção (AST-T) está incluído no momento do evento (Ev-T).

A análise composicional de Bertucci & Lunguinho (2013) leva em conta esses pressupostos e parte da sintaxe e semântica do verbo auxiliar *estar*. Os autores seguem a proposta de Zagona (2012), para quem a estrutura interna do verbo auxiliar *estar* inclui um traço preposicional não-interpretável [*uP*], o qual precisa ser checado pelos traços do complemento desse verbo. Dois complementos podem checar esse traço: o progressivo ou um sintagma preposicional (PP), como em (64).



[BERTUCCI & LUNGUINHO, 2013, p. 131]

Ainda sobre a estrutura do auxiliar *estar*, os autores adotam a proposta de Lunguinho (2011) de que esse auxiliar é, na verdade, reflexo da combinação sintática de um núcleo verbal abstrato v mais um núcleo preposicional/aspectual abstrato (P_{WITHIN}), o qual possui uma interpretação locativa:

$$(65) \textit{estar} = v + P_{\text{WITHIN}}$$

O segundo componente da análise composicional das construções progressivas é o morfema de gerúndio. Bertucci & Lunguinho (2013) propõem que esse morfema é o núcleo de AspP e que ele é responsável pela checagem do traço preposicional não interpretável [*uP*] em *estar*. O núcleo Asp, segundo os autores, é um afixo em português e essa sua natureza ativa o movimento do verbo para Asp. Do ponto de vista semântico, o morfema de gerúndio proporciona uma interpretação durativa, ou seja, a de um evento em acontecimento. Essa interpretação, combinada com a localização temporal operacionalizada por *estar*, cria a interpretação progressiva.

Após analisar o morfema de gerúndio, os autores consideram a interação do progressivo com as quatro classes aspectais propostas por Vendler (1967). Como este trabalho visa investigar a combinação do progressivo com predicados estativos em português

brasileiro, vamos apresentar as considerações dos autores em relação à interação do progressivo com essa classe de predicados apenas.

Bertucci & Lunguinho (2011) mostram que o progressivo pode se combinar com esses predicados e o quão diferente os estativos são em comparação com as demais classes aspectuais. Primeiramente, os autores descrevem estativos como *morar em Paris* e *saber português* como predicacões que denotam um estado único, sem estágios naturais, atéticas, e homogêneas. Em termos sintáticos, os estados são a projeção sintática de um único VP e o evento denotado por esse VP (VP_{STATE}) é um estado único, sem qualquer associação com processo. De acordo com os autores, os estativos são homogêneos porque cada intervalo do estado é igual a sua eventualidade, assim, um intervalo de tempo de *está sendo feliz* é igual a *está feliz* (cf. Bertucci & Lunguinho, 2013, p. 145)

Por não haver nenhum tipo de processo associado aos estativos, eles, em tese, não deveriam aparecer com o progressivo. Essa relação é verdadeira para certos estativos, mas para outros não, como em (66) e (67).

- (66) a.* Maria está tendo olhos verdes.
b. *Maria está sendo alta.

- (67) a. Maria está tendo febre.
b. Maria está sendo chata.

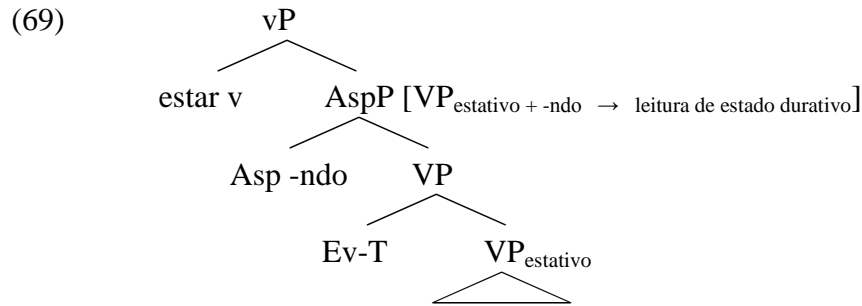
[BERTUCCI & LUNGUINHO, 2013, p. 145]

Devido aos contrastes mostrados pelos exemplos acima, os autores assumem, assim como Cunha (1998) e Bertucci & Rothstein (em andamento) que a classe estativa em português brasileiro é heterogênea. Eles propõem que a classe aspectual é subdividida em estados [faseáveis] e [não-faseáveis], utilizando a análise de Cunha. Os estados faseáveis se comportam como atividades e se combinam com o progressivo e com o verbo *começar*, como em (68a, b), mas não em (68c):

- (68) a. Maria começou a ter febre
b. Maria começou a ser chata
c. *Maria começou a ter olhos verdes

[BERTUCCI & LUNGUINHO, 2013, p. 145]

A derivação sintática dos estados faseáveis se dá como em (69):



[BERTUCCI & LUNGUINHO, 2013, p.146]

O morfema de gerúndio seleciona $VP_{estativo}$ como seu complemento e retorna um estado com uma leitura durativa. O verbo auxiliar *estar* localiza AST-T *within* ‘incluído’ em Ev-T. Como esse mesmo estado pode ser contado como um estágio, como propõe Landman (2008, apud Bertucci & Lunguinho, 2013), a leitura de sentenças estativas com o progressivo é de que há um estado transitório em AST-T.

Neste capítulo foram apresentados alguns trabalhos que se voltaram à questão do progressivo e da sua combinação com predicados estativos. Como foi visto, essa é uma questão complexa que despertou a atenção de vários pesquisadores.

No próximo capítulo, nossa atenção vai se voltar aos dados do português brasileiro. Embora parte dos autores aqui resenhados tratem das propriedades sintático-semânticas do progressivo, daremos mais destaque às propriedades semânticas, pois elas serão a base para a proposta que desenvolveremos no Capítulo 3. De Mufwene (1984), reteremos a ideia de que o progressivo atua como um quantificador de estados (o que nos conduzirá a representar, com Parsons (1990), um quantificador existencial para os predicados estativos faseáveis em Forma Lógica). Seguiremos Cunha (1998, 2004) e Bertucci & Lunguinho (2013) ao afirmarem que existem duas classes de predicados estativos (os faseáveis e os não faseáveis) e estudaremos o comportamento dos predicados estativos faseáveis nas perífrases progressivas no português do Brasil; entretanto, defenderemos, seguindo Gonçalves (2004) – contra Cunha (1998, 2004) –, que não há mudança de estado em processo pelo emprego da perífrase progressiva. Por fim, a distinção feita por Basso & Ilari (2004) entre a semântica progressiva e a morfologia do progressivo nos conduzem em direção aos testes que subsidiam a nossa proposta de análise para o tema desta dissertação.

CAPÍTULO 2

O comportamento dos predicados estativos com o progressivo em Português Brasileiro

Neste capítulo, descrevemos o comportamento de diferentes tipos dos predicados estativos quando eles aparecem combinados com a estrutura de progressivo, a saber *estar* + V_{NDO} . Partiremos da distinção proposta por Cunha (1998, 2004) e adotada por Bertucci & Lunguinho (2013), segundo a qual a classe estativa do português europeu apresenta-se dividida em estativos portadores do traço [+faseável] e estativos portadores do traço [faseável], e avaliaremos como se comporta os predicados estativos do português brasileiro quando combinados com o progressivo. Nossa hipótese é a de que o progressivo funciona como um delimitador de fases de um estado – contra Cunha (1998, 2004), para quem o progressivo transforma um estado em processo e, que por essa razão, só vai poder se combinar com predicados estativos que tenham em sua estrutura interna a noção de fase, ou seja, os estados portadores do traço [+faseável]. O capítulo encontra-se dividido em três seções. Na seção 2.1, veremos que a classe dos estativos encontra-se dividida entre estativos que aceitam combinar-se com o progressivo (estativos faseáveis) e estativos que não aceitam (estativos não faseáveis). Na seção 2.2, examinaremos como se comportam os estativos faseáveis em contextos de presente simples e de presente progressivo, visando avaliar que tipos de relações de implicação há entre esses predicados. Na seção 2.3, sistematizamos os resultados do capítulo.

2.1 A homogeneidade dos estativos faseáveis com o progressivo

Em português brasileiro, classe estativa é composta por diferentes tipos de verbos. Esses verbos não compõem uma classe homogênea em relação à suas possibilidades de

combinação com o progressivo. Há estados que não podem se combinar com a estrutura *estar* + V_{NDO}, dos quais apresentamos alguns exemplos abaixo:¹⁶

- (1) a. A padaria se localiza no Plano Piloto.
b. *A padaria está se localizando no Plano Piloto.
- (2) a. Essa tinta continha ácido.
b. *Essa tinta estava contendo ácido.
- (3) a. Joana é alta.
b. *Joana está sendo alta.

Adotando-se a proposta de Cunha, pode-se afirmar que predicados estativos como *localizar-se no plano piloto*, *conter ácido* e *ser alta* são estados do tipo [-faseável] e, por essa razão, não se combinam com a estrutura progressiva.

Há, no entanto, outros tipos de predicados estativos que podem aparecer nessa estrutura: são os estativos do tipo [+faseável], cujos exemplos são dados a seguir e aparecem divididos em subclasses¹⁷:

- (4) Estativos existenciais
- a. Os heróis não existem mais.
b. Os heróis não estão existindo mais.
c. Havia mais vagas para o Programa de Pós-Graduação em Linguística.
d. Estava havendo mais vagas para o Programa de Pós-Graduação em Linguística.
- (5) Estativos locativos
- a. Marcia mora em Laredo.
b. Marcia está morando em Laredo.
c. Maysa residia no Texas.
d. Maysa estava residindo no Texas.

¹⁶ As sentenças, bem como os julgamentos de gramaticalidade apresentados neste capítulo, são de responsabilidade do autor.

¹⁷ Essas subclasses de predicados estativos são apresentadas em Mira Mateus et alii (2003).

- (6) Estativos epistêmicos
- a. Letícia conhece o Nordeste.
 - b. Letícia está conhecendo o Nordeste.
 - c. João sabia toda a matéria da prova.
 - b. João estava sabendo toda a matéria da prova.
- (7) Estativos perceptivos
- a. Gustavo vê novela.
 - b. Gustavo está vendo novela.
 - c. Os alunos ouviam Mozart.
 - d. Os alunos estavam ouvindo Mozart.
- (8) Estativos psicológicos
- a. Eu odeio esse novo programa.
 - b. Eu estou odiando esse novo programa.
 - c. Todos gostavam da aula de sintaxe.
 - d. Todos estavam gostando da aula de sintaxe.
- (9) Estativos “copulativos”¹⁸
- a. A minha vizinha é simpática.
 - b. A minha vizinha está sendo simpática.
 - c. O trabalho ficava bom.
 - d. O trabalho estava ficando bom.

Os estativos apresentados em (4)-(9), como dissemos, são do tipo [+faseável] e apresentam-se divididos por subclasses semânticas. A gramaticalidade das sentenças estativas com o progressivo nos dados acima permite inferir que a subclasse dos estados faseáveis se comporta de forma homogênea em relação à possibilidade de poderem se combinar com *estar* + V_{NDO}.

Apesar de todas essas subclasses de verbos ocorrerem na estrutura progressiva, observamos que o grau de aceitabilidade dos dados resultantes pode ser influenciado pelos contextos semântico-discursivos de uso dessas sentenças. Tendo isso em consideração,

¹⁸ A denominação “predicados estativos copulativos” refere-se à combinação de um verbo copulativo mais um adjetivo.

passamos averiguar se há diferenças semânticas entre o emprego do progressivo e o emprego do presente simples em sentenças com os mesmos verbos.

2.2 Diferença semântica entre o progressivo e o presente simples

Os dados a seguir visam avaliar se há diferenças semânticas entre uma sentença com predicado estativo no presente progressivo e uma sentença com esse mesmo predicado no presente simples. A estrutura do contexto em que as sentenças serão avaliadas é a seguinte. Primeiramente apresenta-se uma sentença introduzida pelo advérbio *antes* e composta por um predicado estativo no pretérito imperfeito. Depois, a versão afirmativa da mesma sentença é apresentada, mas introduzida pelo advérbio *agora*¹⁹, que opera uma mudança temporal para o presente. O nosso objetivo com esse “teste” é identificar se a nova sentença é realizada com o predicado estativo no presente progressivo ou no presente simples e verificar a nossa hipótese.

(10) Estativos existenciais

Antes existiam muitos heróis na TV. É verdade.

- a. Agora os heróis não existem mais.
- b. Agora os heróis não estão existindo mais.

Antes não havia muitas vagas para os programas de Pós-Graduação.

- c. Agora há mais vagas para os programas de Pós-Graduação.
- d. Agora está havendo mais vagas para os programas de Pós-Graduação.

(11) Estativos locativos

Antes a Marcia morava em Brasília.

- a. Agora mora em Laredo.
- b. Agora ela está morando em Laredo.

¹⁹ Não nos aprofundaremos na descrição do papel de advérbios como *antes* e *agora*. Remetemos o leitor interessado ao trabalho de Naves & Lunguinho (2013), onde se afirma que o papel desses advérbios é marcar um ponto (de fronteira temporal) específico de um dado evento, por exemplo, nessa perspectiva, o advérbio *agora* focaliza o ponto de culminação do evento ou o estado resultante dessa culminação.

Antes Maysa residia na Califórnia.

- c. Agora ela reside no Texas.
- d. Agora ela está residindo no Texas.

(12) Estativos epistêmicos

Antes Letícia não conhecia o Nordeste.

- a. Agora Letícia conhece o Nordeste.
- b. Agora Letícia está conhecendo o Nordeste.

Antes João não sabia nada da matéria da prova.

- a. Agora ele sabe toda a matéria da prova.
- b. Agora ele está sabendo toda a matéria.

(13) Estativos perceptivos

Antes Gustavo não via novela.

- a. Agora Gustavo vê novela.
- b. Agora Gustavo está vendo novela.

Antes os alunos não ouviam Mozart.

- a. Agora os alunos ouvem Mozart.
- b. Agora os alunos estão ouvindo.

(14) Estativos psicológicos

Antes eu não odiava esse programa.

- a. Agora eu odeio esse novo programa.
- b. Agora eu estou odiando esse novo programa.

Antes ninguém gostava da aula de sintaxe.

- c. Agora todos gostam da aula de sintaxe.
- d. Agora todos estão gostando da aula de sintaxe.

(15) Estativos “copulativos”

Antes a minha vizinha não era simpática

a. Agora a minha vizinha é simpática.

b. Agora a minha vizinha está sendo simpática.

Antes o trabalho não ficava bom.

c. Agora o trabalho fica bom.

d. Agora o trabalho está ficando bom.

Ambas as respostas dos contextos acima são gramaticais e a diferença semântica entre os pares de cada exemplo (presente simples versus presente progressivo), quando existe, pode ser tratada por meio de relações de implicação entre as respostas possíveis dos contextos acima. Para entender como funcionam essas relações, vejamos os exemplos a seguir:

(16) Eu estou andando.

Implica a sentença: Eu ando.

(17) Eu ando.

Não implica a sentença: Eu estou andando.

(18) Eu estou trabalhando.

Implica a sentença: Eu trabalho.

(19) Eu trabalho.

Não implica a sentença: Eu estou trabalhando.

Todos os predicados dos exemplos acima pertencem à classe das atividades. Como vemos, os resultados não são os mesmos: as orações no presente progressivo implicam sua contraparte no presente simples ao passo que as orações no presente simples não implicam sua contraparte no presente progressivo. Esse contraste é próprio das atividades em que um intervalo do evento denotado por *estar andando* é igual a ao evento *andar*, mas o evento *andar* não é igual a um intervalo do evento de *estar andando*.

Os exemplos a seguir objetivam mostrar como se dão as relações de implicação entre as duas respostas possíveis para os contextos de *antes/agora*, descritos anteriormente.

(20) a. Os heróis não existem mais.

Não implica que: Os heróis não estão existindo mais.

b. Os heróis não estão existindo mais.

Não implica que: Os heróis não existem mais.

(21) a. Há mais vagas para o Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Não implica que: Está havendo mais vagas para Programa de Pós-Graduação em Linguística.

b. Está havendo mais vagas para o Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Não implica que: Há mais vagas para o Programa de Pós-Graduação em Linguística

A relação de implicação com os estativos existenciais não ocorre devido ao fato de o progressivo denotar uma fronteira entre fases de estados faseáveis. Seu uso realça uma nova fase de um estado, fase essa de caráter durativo que perdura. Em outras palavras, havia uma fase anterior, *existiam heróis*, e o progressivo realçou uma mudança de fase. Com o verbo *haver*, a fase *está havendo mais vagas para o Programa de Pós-Graduação em Linguística* denota que havia uma fase anterior, *não havia muitas vagas para o Programa de Pós-Graduação em Linguística*. Ambas as fases anteriores desses existenciais são não-faseáveis e as fases posteriores faseáveis.

Passemos aos verbos estativos locativos.

(22) a. Marcia mora em Laredo.

Implica que: Marcia está morando em Laredo.

b. Marcia está morando em Laredo.

Implica que: Marcia mora em Laredo.

(23) a. Maysa reside no Texas.

Implica que: Maysa está residindo no Texas.

b. Maysa está residindo no Texas.

Implica que: Maysa reside no Texas.

Os verbos estativos locativos *morar* e *residir* possuem a mesma relação de implicação entre o presente progressivo e o presente simples, ou seja, o presente simples implica o presente progressivo e vice-versa. O presente progressivo, nesse caso, gera uma leitura semântica de presente e não destaca a formação de uma nova fase. A interpretação semântica do progressivo equivale ao presente simples.

A seguir, apresentamos os verbos epistêmicos:

(24) a. João sabe a matéria da prova.

Não implica que: João está sabendo a matéria da prova.

b. João está sabendo a matéria da prova.

Não implica que: João sabe a matéria da prova.

(25) a. Marta compreende a tarefa.

Não implica que: Marta está compreendendo a tarefa.

b. Marta está compreendendo a tarefa.

Não implica que: Marta compreende a tarefa.

As relações de implicação entre o progressivo e o presente simples com os verbos epistêmicos *saber* e *compreender* ocorrem de maneira mais restrita e específica, como se pode observar nos dados (24) e (25). O verbo estativo epistêmico *saber* se comporta similarmente ao verbo estativo epistêmico *compreender*. Ambos os verbos com o presente progressivo denotam uma nova fase que perdura. O presente simples em que João declara *que sabe a matéria da prova* e que Joana declara *compreender a tarefa* não apresenta uma nova fase, por isso ocorre sem a perífrase. O contexto mais restrito e específico para o progressivo pode ser exemplificado como João está sabendo a matéria da prova para passar em uma prova, ou para fazer o exame oral e não para uma vida toda. Nesses exemplos, se faz necessário o emprego do progressivo.

Os dados a seguir ilustram as relações que se estabelecem com os verbos perceptivos:

(26) a. Gustavo vê novela.

Não implica que: Gustavo está vendo novela.

b. Gustavo está vendo novela.

Não implica que: Gustavo vê novela.

(27) a. Os alunos ouvem Mozart.

Implica que: Os alunos estão ouvindo Mozart.

b. Os alunos estão ouvindo Mozart.

Implica que: Os alunos ouvem Mozart.

As relações de implicação entre o progressivo e o presente simples com os verbos perceptivos *ver* e *ouvir* não são uniformes. O progressivo produz uma mudança de fase dentro do estado *ver novela*, em que a fase posterior *está vendo novela* denota uma fase distinta, temporária e durativa, que não equivale ao estado *vê novela* no presente simples. Já com o verbo estativo perceptivo *ouvir*, o estado *ouvir Mozart* se combina com o progressivo e produz a mesma implicação do que o presente simples. O progressivo, nesse caso, não denota uma nova fase e por isso se assemelha ao presente.

(28) a. Eu odeio esse programa.

Implica que: Eu estou odiando esse programa.

b. Eu estou odiando esse programa.

Não implica que: Eu odeio esse programa.

(29) a. Todos os alunos gostam da aula de sintaxe.

Implica que: Todos os alunos estão gostando da aula de sintaxe.

b. Todos os alunos estão gostando da aula de sintaxe.

Implica que: Todos os alunos gostam da aula de sintaxe.

Os verbos estativos psicológicos *odiar* e *gostar*, por sua vez, se comportam do seguinte modo com respeito às relações de implicação entre o progressivo e o presente simples: o progressivo com o verbo estativo psicológico *odiar* não implica que tenha semelhante interpretação com o presente simples. Em contrapartida, quando a relação de implicação é entre o presente simples e o progressivo, o estado *odiar esse programa* possui a mesma interpretação. A transição de fases pelo progressivo é captada do progressivo para o presente simples, mas não do presente simples ao progressivo.²⁰ Já o verbo estativo psicológico *gostar* se comporta de maneira semelhante quando testado por meio de relações

²⁰ O comportamento desse verbo é inconstante e nos leva a propor que os estativos faseáveis possuem comportamentos distintos diante do progressivo. Uma sistematização desses diferentes comportamentos será apresentada na próxima seção.

de implicação entre o progressivo e o presente simples: o progressivo, nesse caso, não seria a fronteira entre duas fases e se assemelha ao presente simples.

Os dados a seguir ilustram as relações de implicação entre os verbos estativos copulativos.

(30) a. A minha vizinha é simpática.

Não implica que: A minha vizinha está sendo simpática.

b. A minha vizinha está sendo simpática.

Não implica que: A minha vizinha é simpática.

(31) a. O trabalho fica bom.

Não implica que: O trabalho está ficando bom.

b. O trabalho está ficando bom.

Não implica que: O trabalho fica bom.

As relações de implicação entre o progressivo e o presente simples com os verbos estativos copulativos *ser* e *ficar* ocorrem do seguinte modo: o verbo *ser* sugere que o estado com o progressivo possui uma fase nova e bem delimitada, como se verifica em (30). A interpretação do progressivo é de tempo presente e real. Em compensação, a interpretação com o presente simples é permanente e não admite mudanças de fase no estado, *ser simpática*.

Com *ficar* as duas relações de implicação possíveis entre o presente progressivo e o presente simples não se sustentam. A fase posterior ocasionada pelo progressivo se caracteriza por ser durativa, enquanto que o estativo com o presente simples não possui fases distintas e sua interpretação é atemporal.

2.3 Sistematização dos resultados: subclasses de estados [+faseável]

Na seção anterior, demonstramos, por meio de relações de implicação, que as subclasses semânticas de verbos estativos faseáveis apresentam diferentes comportamentos com o progressivo. Por meio de diferentes relações de implicação entre o progressivo e o presente simples, foi possível ver que com os estativos existenciais, com os epistêmicos e com parte dos copulativos, a nova fase do estado criada pelo progressivo implica ser diferente do presente simples. Com os locativos, o progressivo não denota uma nova fase e a interpretação

semântica com o progressivo é a mesma do que com o presente simples. Finalmente, com os verbos perceptivos e os psicológicos constatamos um comportamento inconstante com o progressivo, evidenciando que a nova fase do estado criado pelo progressivo se distingue com certos verbos dessas classes e com outros não. Em resumo: para certas subclasses estativas, o progressivo funcionou como uma fronteira em que se verifica uma transição de fases de um estado, como com os existenciais, os epistêmicos, e com os copulativos. Para a subclasse locativa, o progressivo não demarcou fases distintas. Finalmente, com verbos perceptivos e psicológicos, a transição de fases se deu de forma inconstante. Segue abaixo um quadro que sintetiza o que foi proposto na seção anterior.

Verbos estativos (subclasses)	Transição de fases do estado		
	Possível	Impossível	Inconstante
Existenciais	✓		
Locativos		✓	
Epistêmicos	✓		
Perceptivos			✓
Psicológicos			✓
Copulativos	✓		

Quadro 1: Comportamento das subclasses de verbos estativos com o progressivo

Em princípio, esperava-se que todos os estativos faseáveis se comportassem como os existenciais, os epistêmicos e os copulativos, nos quais o progressivo se distingue do presente simples por denotar a fronteira de duas fases distintas do mesmo estado. No entanto, os dados indicam que o comportamento dos estativos faseáveis não é uniforme. Com os locativos, o emprego do progressivo não denota uma transição de fases; já com os perceptivos e com os psicológicos os resultados mostram um comportamento inconstante.

De todo o exposto nesse capítulo, podemos concluir que a classe dos verbos estativos não é uma classe uniforme, uma vez que, segundo Cunha (1998, 2004), há uma divisão na classe em razão ocasionada pelo traço [+faseável]. Ainda segundo o autor, os estativos portadores do traço [+faseável] podem ocorrer na estrutura progressiva, ao passo que os estativos portadores do traço [-faseável] não podem. Analisando o comportamento da subclasse dos estativos faseáveis, foi observado que mesmo essa classe não apresenta um comportamento unificado no que se refere às relações de implicação que o presente progressivo mantém com o presente simples.

Tomando a noção de faseabilidade como representativa da nossa hipótese de que o progressivo marca a fronteira ou a transição entre duas fases de um estado, no próximo capítulo, discutiremos essa hipótese à luz da proposta semântica de eventos subatômicos, de Parsons (1990).

CAPÍTULO 3

Em direção a uma análise do progressivo com verbos estativos faseáveis em Português Brasileiro

Neste capítulo, apresentamos a nossa análise para o emprego do progressivo com verbos estativos faseáveis em português brasileiro, partindo de uma comparação com o que foi proposto por Parsons (1990) para o inglês. A proposta trabalha com a ideia de eventos subatômicos, por meio da qual pretendemos captar o comportamento sintático e a interpretação semântica de transição de estados dos verbos estativos faseáveis que aceitam o progressivo, conforme descrevemos no capítulo 2. O capítulo encontra-se dividido em três seções: a seção 3.1 retoma, por meio de pares de sentenças, a argumentação desenvolvida até aqui, buscando sistematizar a hipótese de pesquisa. Em seguida, a seção 3.2 apresenta a proposta semântica de eventos subatômicos de Parsons (1990) e o tratamento que o autor dá para os verbos estativos (em 3.2.1) e para o progressivo (em 3.2.2) no inglês. Finalmente, na seção 3.3, desenvolvemos a análise do progressivo com verbos estativos faseáveis no português por meio da proposta de eventos subatômicos.

3.1. Sistematizando a hipótese desta pesquisa

No capítulo anterior, desenvolvemos a hipótese de que o progressivo funciona como um delimitador de fronteiras entre fases de um estado, fazendo a transição semântica entre essas fases. Por essa razão, o progressivo ocorre, no português brasileiro, apenas com verbos estativos faseáveis, sendo agramatical com verbos estativos não faseáveis. Demonstramos também, no capítulo 2, que as subclasses de verbos estativos faseáveis apresentam diferentes comportamentos com o progressivo, no que diz respeito às relações de implicação entre o presente progressivo e o presente simples. Assim, as sentenças (1) e (2) a seguir distinguem-se pelo fato de o progressivo implicar necessariamente uma nova fase na vida de Maria, denotada pelo estado *viver com o João*, em (1), uma vez que a interpretação é que, antes,

Maria vivia sozinha ou vivia com outra pessoa, enquanto não se observa a mesma interpretação em (2), já que nada se pode afirmar sobre o estado anterior de Maria (se ela sempre viveu com João ou se está vivendo recentemente):

(1) A Maria está vivendo com o João.

(2) A Maria vive com o João.

Em outras palavras, o progressivo, quando combinado com verbos estativos faseáveis, implica necessariamente uma transição de fases de um dado estado, enquanto o presente simples denota o estado per si, sem que seja possível fazer alguma inferência sobre uma possível transição.

Isso tem como consequência que o progressivo deve ser agramatical quando combinado com estados não faseáveis, como, por exemplo, aqueles representados por predicados de indivíduo, tal como observamos pelo contraste entre (3a) e (3b):

(3) a. A mesa é redonda.

b. *A mesa está sendo redonda.

Por outro lado, observamos uma cisão também entre os predicados de indivíduo, que podem expressar estados faseáveis, de tal forma que (4a), embora denote uma característica intrínseca do sujeito, pode ser reescrita com o progressivo, como em (4b), e, nesse caso, a interpretação é a mesma que a de (1), ou seja, que o progressivo estabelece uma fronteira entre uma fase anterior do estado *ser esperto* e a fase em curso:

(4) a. Esse menino é esperto.

b. Esse menino está sendo esperto.

Esse contraste demonstra que o emprego do progressivo com verbos estativos está condicionado à possibilidade de o estado ser interpretável como faseável, marcando, assim, a transição entre duas fases desse estado.²¹ A interpretação de um estado como faseável

²¹ Entendemos que as propriedades semânticas do adjetivo, em dados como os de (3) e (4), implicam um tratamento composicional da sintaxe do emprego do progressivo com predicados estativos. Esse, entretanto, é um tópico de pesquisa que deixaremos para trabalhos futuros.

depende, em parte, da seleção lexical, como demonstrado em (3) e (4), em que o tipo de adjetivo distingue os estados em faseável ou não, e, em parte, da organização morfossintática da sentença, como observamos no par de sentenças em (5) e (6), que se distinguem pela configuração do argumento interno: em (5), o estado *ouvir a palestra* possui como argumento interno um DP, *a palestra*, e, em (6), o estado *ouvir Mozart* possui como argumento interno um nome nu, *Mozart*.

(5) O aluno está ouvindo a palestra.

(6) O aluno está ouvindo Mozart.

Ambos os argumentos contribuem de maneira distinta para as implicações obtidas entre o progressivo e o presente simples, conforme demonstrado em (7) e (8), respectivamente. Caso o argumento interno do verbo estativo *ouvir* seja composto por um DP no singular [*a palestra*], a relação de implicação entre o presente progressivo e o presente simples não se sustenta e vice-versa. Em contrapartida, caso o argumento interno seja composto por um NP (*Mozart*), as relações de implicação que vêm sendo apresentadas nessa pesquisa se sustentam.

(7) a. O aluno está ouvindo a palestra.

Não implica que: O aluno ouve a palestra.

b. O aluno ouve a palestra.

Não implica que: O aluno está ouvindo a palestra.

(8) a. O aluno está ouvindo Mozart.

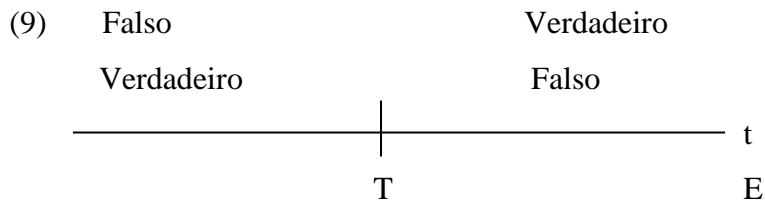
Implica que: O aluno ouve Mozart.

b. O aluno ouve Mozart.

Implica que: O aluno está ouvindo Mozart.

Concluimos, portanto, que não apenas a classe do verbo estativo é relevante para a identificação de fases de um estado (e, por consequência, da possibilidade de transição entre fases), mas também outros fatores lexicais e morfossintáticos na estrutura da sentença podem levar à interpretação de faseabilidade, possibilitando, assim, a ocorrência do progressivo como expressão da fronteira entre um estado precedente e um estado em curso. Deixamos a

descrição desses fatores para uma pesquisa futura, tendo em vista que eles não inviabilizam a nossa constatação inicial de que apenas predicados estativos faseáveis podem ocorrer com o progressivo, tampouco enfraquecem a hipótese de que, quando o progressivo ocorre, a interpretação é a de transição entre duas fases de um estado, o que está esquematicamente representado a seguir:



O diagrama em (9) mostra que um estado E, embora seja homogêneo em todos os intervalos de tempo t, pode ser verdadeiro ou falso até um determinado momento T em que ocorre uma transição entre fases desse estado, que passa, então, a ser falso ou verdadeiro a partir daquele instante. Dessa forma, para uma sentença como (1), repetida em (10a), dizendo que o estado de viver com o João é falso até o instante T e passa a ser verdadeiro depois desse instante, enquanto em (10b) temos a interpretação inversa – o estado era verdadeiro antes de T e passa a ser falso depois de T:

- (10) a. Maria está vivendo com o João. (ela não vivia antes)
 b. Maria não está mais vivendo com o João. (ela vivia antes)

Partindo da ideia de que as fases precedente e em curso de um dado estado faseável constituem subpartes de um mesmo estado, exploramos, na próxima seção, a proposta semântica de eventos subatômicos desenvolvida por Parsons (1990) para a análise de dados do inglês.

3.2. Eventos subatômicos: uma proposta semântica para a análise dos estativos e do progressivo no inglês

Parsons (1990) investiga a tese de que a semântica de sentenças simples do inglês exige formas lógicas que são mais complexas do que o que normalmente se assume na

palavras de uma língua e as coisas no mundo, partindo do pressuposto de que existem eventos subjacentes. Uma das evidências que o autor aponta nesse sentido tem a ver com a lógica dos modificadores, ilustrada nos dados em (12):

(12) a. Brutus stabbed Caesar in the back with a knife.

‘Brutus esfaqueou Cesar nas costas com uma faca’

b. Brutus stabbed Caesar in the back.

‘Brutus esfaqueou Cesar nas costas’

c. Brutus stabbed Caesar with a knife.

‘Brutus esfaqueou Cesar com uma faca’

d. Brutus stabbed Caesar.

‘Brutus esfaqueou Cesar’

[PARSONS, 1990, p. 13]

Essas sentenças mostram que uma teoria semântica precisa explicar por que a sentença (12a) acarreta a conjunção de (12b) e (12c), mas não o contrário, e por que tanto (12b) quanto (12c) sozinhas acarretam (12d). A proposta do autor é que a explicação esteja no conceito de eventos subatômicos.

Nas subseções a seguir, apresentamos brevemente essa proposta de Parsons (1990), levando em consideração, primeiramente, os estados e, em seguida, o progressivo, que são o objeto da nossa pesquisa.

3.2.1. *Ontologia de eventos e a representação dos verbos estativos em forma lógica*

Parsons (1990) assume que há, no mundo, eventos (os quais se dividem em processos culminados e culminações), processos e estados e que, para um pequeno conjunto de fenômenos linguísticos, essa distinção é crucial – sendo a distinção entre eventos e estados a mais importante delas.

As duas noções técnicas que o autor propõe para distinguir eventos de estados são, respectivamente, culminação e perduração (no inglês, *culmination* e *holding*). Ele utiliza a notação ‘Cul(e,t)’ para denotar que e é um evento que culmina num tempo t, e a notação ‘Hold(e,t)’ para denotar que e é um estado e o estado perdura num tempo t. Assim, a forma

lógica de uma sentença estativa como *Mary knows Fred* ‘Maria conhece Fred’ é a que está representada em (13):²³

(13) *Mary knows Fred*

a. There is a knowing that
has Mary as its subject, and
has Fred as its object, and
holds now.

b. $(\exists e)$ [Knowing(e) & Subject (e, Mary) & Object(e, Fred) & Hold (e,now)].

[PARSONS, 1990, p. 25]

Portanto, a diferença entre os dados (11) – *Caesar died* – e (13) – *Mary Knows Fred* – é captada pela investigação das eventualidades em nível subatômico, sendo que a eventualidade em (11) culmina e a eventualidade em (13) perdura. Verbos estativos possuem a propriedade de perdurar, mas nunca culminam.

O autor analisa também sentenças estativas tais como (14), perguntando se, a exemplo de (13), elas poderiam ser analisadas da perspectiva de eventos subatômicos, já que não são formadas por verbos significativos (daqueles que também formam sentenças eventivas):

(14) a. *Brutus is clever.*

‘Brutus é inteligente’

b. *Brutus has a dog.*

‘Brutus tem um cachorro’

A resposta, para ele, é positiva e está pautada na seguinte argumentação, que transcrevemos na íntegra (tradução livre a partir de Parsons (1990, p. 186 a 188) – mantivemos as representações em Forma Lógica como no original):

²³ Tradução livre:

Maria conhece Fred.

a. Existe um conhecer que
tem Maria como sujeito, e
tem Fred como objeto, e
perdura agora.

b. $(\exists e)$ [Conhecer(e) & Sujeito (e, Maria) & Objeto (e, Fred) & Perduração (e,agora)]

Verbos Todos os verbos representam tipos de eventos ou tipos de estados. *Stab*, ‘esfaquear’, escolhe um tipo de evento, ao passo que *have*, ‘ter’, escolhe um tipo de estado. As formas lógicas de frases simples com verbos de estado são exatamente como aqueles com verbos de evento, exceto que usamos *Hold* ao invés de *Cul*. Assim, por exemplo, a forma lógica de (B) acima é:

B” $(\exists e) [x \text{ is a dog} \ \& \ (\exists s) [s \text{ is a having} \ \& \ \text{Subj}(s, \text{Brutus}) \ \& \ \text{Obj}(s, x) \ \& \ \text{Hold}(s, \text{now})]]$.

Adjetivos Adjetivos escolhem os tipos de estados. Um adjetivo que ocorre com um verbo de cópula (como em “era inteligente”) produz o mesmo tipo de forma lógica que um verbo estado. A forma lógica de (A) acima é:

A” $(\exists s) [s \text{ is a state of being clever} \ * \ \text{Subj}(s, \text{Brutus}) \ \& \ \text{Hold}(s, \text{now})]$.

Locativos Locativos que ocorrem com cópula representam predicados de estados . A forma lógica de

C Brutus is under the tree

é

C” $(\exists s) [\text{Under}(s, \text{the tree}) \ \& \ \text{Subj}(s, \text{Brutus}) \ \& \ \text{Hold}(s, \text{now})]$.

Esses predicados são os mesmos como aqueles que ocorrem na forma lógica de outras frases, tais como

Brutus sentou debaixo da árvore.

Mary tocava clarinete debaixo da árvore.

Por exemplo,

$(\exists e) [\text{Playing}(e) \ \& \ \text{Agente}(e, \text{Mary}) \ \& \ \text{Theme}(e, \text{clarinet}) \ \& \ \text{Under}(e, \text{tree}) \ \& \ \text{Cul}(e, \text{before now})]$.

Substantivos Substantivos provavelmente não escolhem eventos ou estados (exceto para os substantivos “de ordem superior”, como *assassinato* ou *acidente*). Suas formas lógicas são exatamente como elas geralmente devem ser em textos de lógica.

Por exemplo,

D Fido is a giraffe

Tem como sua forma lógica

D” Giraffe(Fido),

e

E A giraffe ran

Tem como sua forma

E'' $(\exists x) [\text{Giraffe}(x) \ \& \ x \text{ ran}]$.

É possível interpretar substantivos como representantes de tipos de estados, com formas lógicas semelhantes às dos verbos. Por exemplo, é possível interpretar 'Girafa (x)' como sendo a abreviação de ' $(\exists s) [s \text{ é um estado de ser uma girafa e Tema } (s, x)]$ '. Não conheço nenhuma objeção a isso. Mas também não sei de nenhuma evidência em seu favor. Se os estados são usados dessa maneira, então eles são apenas excesso de bagagem em uma teoria da linguagem.

[PARSONS, 1990, p. 186-188]

Cabe mencionar ainda que, segundo Parsons (1990), pode haver eventos em que não ocorra uma culminação. Ele exemplifica com a seguinte situação: se Maria começa construir uma estante, mas não termina de construí-la, então se tem um evento que é construir, que nunca culmina, tendo Maria como sujeito e estante como um objeto não terminado. Esse olhar, aponta o autor, é importante para a análise do progressivo, como veremos na próxima subseção.

3.2.2. A proposta de Parsons (1990) para o progressivo no inglês

De acordo com Parsons (1990), para uma análise relativamente completa das sentenças mais simples do inglês, o sistema de eventos subatômicos deve ser amalgamado a uma teoria de tempo (presente, passado e futuro), aspecto (em que se inclui o progressivo) e modificadores temporais (expressões adverbiais de valor temporal, tais como *à meia noite*, *ontem* etc.), que são tópicos inter-relacionados de grande complexidade. Essa abordagem tem como pressuposto o fato de que fórmulas ordinárias da lógica de predicados devem ser atribuídas a valores de verdade de uma sentença com respeito a momentos no tempo (*time*), de tal maneira que uma fórmula sem qualquer operador de tempo (*tense*) é analisada como tempo presente. Por exemplo, uma representação como *inteligente(Maria)* se refere à sentença *Maria é inteligente*. Caso a sentença estivesse no passado ou no presente, deveria ser precedida pelos operadores PAST e FUT, respectivamente.

Um dos objetivos da proposta de Parsons (1990) é, portanto, formular uma descrição adequada da semântica do progressivo em inglês, ou seja, uma semântica contrastiva entre *Agatha está fazendo um bolo* e *Agatha faz um bolo* (id. *ibid.*, p. 167). A proposta do autor é

que, para sentenças eventivas, a forma não progressiva do verbo requer que o evento subjacente culmine, enquanto com a forma progressiva requer que o evento subjacente seja durativo (*perdure*). Em outras palavras, semanticamente, colocar um verbo eventivo na forma progressiva exige que o verbo seja tratado como um estado²⁴; por consequência, o valor de verdade da sentença requer que o evento *perdure*, não que ele culmine. Assim, uma sentença com verbo não progressivo como (15a) tem a forma lógica em (15b) – com ‘Cul’ –, mas uma sentença com verbo progressivo como (16a) tem a forma lógica em (16b) – com ‘Hold’:

(15) a. Agatha crossed the street.

‘Agatha cruzou a estrada’

b. $(\exists t) [t < \text{now} \ \& \ (\exists e) [\text{crossing}(e) \ \& \ \text{Subject}(e, \text{Agatha}) \ \& \ \text{Object}(e, \text{the street}) \ \& \ \text{Cul}(e, t)]]$.

(16) a. Agatha was crossing the street.

‘Agatha está cruzando a estrada’

b. $(\exists t) [t < \text{now} \ \& \ (\exists e) [\text{crossing}(e) \ \& \ \text{Subject}(e, \text{Agatha}) \ \& \ \text{Object}(e, \text{the street}) \ \& \ \text{Hold}(e, t)]]$.

Parsons (1990) assume que um evento como *cruzar* é verdadeiro para todos os instantes de *cruzar*, independentemente de o evento culminar ou não. Ou seja, se João cruzar a rua e chegar ao outro lado, então ele será o sujeito de um evento cruzar que culmina; se ele chegar apenas até a metade e for atingido por um caminhão, ele é sujeito de um evento cruzar, que não culminou. Sendo assim, segundo o autor, é plausível pensar que, para cada evento que está em progresso, há um estado associado – o estado “*In-Progress*” do evento, que perdura pelo tempo em que o evento está em curso.

Para o autor, essa análise de eventos subatômicos é imune ao paradoxo do imperfectivo porque dizer que um evento perdura em um determinado tempo não implica dizer que ele culmina em algum (ou em nenhum) outro tempo, além de conseguir conjugar as relações lógicas adequadas, ter uma motivação intuitiva plausível e estar inserida em uma abordagem semântica robusta capaz de explicar uma grande variedade de fenômenos linguísticos. Diante disso, buscaremos aplicar essa proposta ao emprego do progressivo com verbos estativos faseáveis em português brasileiro.

²⁴ Os exemplos (15) e (16) são de verbos eventivos. Em (16) esse verbo foi transformado em estado pelo progressivo. Cabe ressaltar que Parsons não apresenta casos de verbos estativos com o progressivo

3.3. Análise do emprego do progressivo com predicados estativos faseáveis no português brasileiro

Nesta seção, pretendemos analisar o emprego do progressivo com predicados estativos faseáveis no português brasileiro, por meio da proposta de eventos subatômicos de Parsons (1990). Para isso, consideramos fundamental a observação do autor – já mencionada na seção anterior – de que o emprego do progressivo com verbos eventivos tem o efeito transformar semanticamente o evento em um estado, focalizando um estado desse evento em um determinado tempo, anterior à culminação (e que não pressupõe que a culminação aconteça).

A partir dessa observação e das nossas constatações de que (i) apenas verbos estativos faseáveis admitem a ocorrência de progressivo e (ii) o progressivo com esses verbos tem a função de demarcar a transição entre duas fases de um dado estado, propomos que o progressivo, quando empregado com verbos estativos faseáveis, focaliza o momento em que a transição entre as fases ocorre.

Nesse sentido, a noção de faseabilidade, inicialmente postulada por Cunha (2004) como sendo a propriedade relevante para distinguir os verbos estativos que admitem ou não o emprego do progressivo, pode ser formalizada semanticamente por meio da noção de eventos subatômicos, devidamente representados em forma lógica pela pressuposição de que o valor de verdade do estado denotado pelo predicado é distinto daquele que é apresentado pelo progressivo. Sendo assim, para uma sentença como (17a), há a pressuposição de que o estado *saber geografia* era falso num momento anterior ao ponto em que passa a ser verdadeiro, o que pode ser representado, tentativamente, pela forma lógica em (17b), em que a primeira parte denota a inexistência do estado num tempo anterior a agora e a segunda parte o estado para passa a existir:

(17) a. João está sabendo a matéria da prova.

- b. $(\exists t) [t < \text{agora} \ \& \ (\nexists s) [\text{saber}(s) \ \& \ \text{Sujeito}(s, \text{João}) \ \& \ \text{Objeto}(s, \text{a matéria da prova}) \ \& \ \text{Hold}(s, t)]] \ \&$
 $(\exists t') [t' = \text{agora} \ \& \ (\exists s) [\text{saber}(s) \ \& \ \text{Sujeito}(s, \text{João}) \ \& \ \text{Objeto}(s, \text{a matéria da prova}) \ \& \ \text{Hold}(s, t')]]$.

Consideramos que essa análise é válida para as subclasses de verbos estativos existenciais, epistêmicos, copulativos, em que a interpretação de transição entre duas fases de um dado estado com o progressivo é categórica. Deixamos para análises futuras os verbos locativos, perceptivos e psicológicos, que tradicionalmente apresentam comportamento divergente das demais subclasses de verbos em outros fenômenos linguísticos de que participam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propusemos uma análise para o emprego da perífrase progressiva com predicados estativos faseáveis em português brasileiro, no âmbito da semântica formal, utilizando uma notação formal para a propriedade semântica da faseabilidade, identificada por Cunha (1998, 2004), em termos da proposta de eventos subatômicos de Parsons (1990). Também alcançamos, por meio da revisão da literatura, um refinamento das propriedades semânticas da perífrase progressiva com predicados estativos faseáveis.

Algumas propostas de análise para o inglês, o português europeu e o português brasileiro serviram de referencial para entendermos melhor as relações entre o progressivo e a classe estativa. Cunha (1998, 2004) propõe, para o português europeu, que a classe dos verbos estativos é subdividida em [+faseável] e [-faseável], uma ideia também defendida por Bertucci & Lunguinho (2013) para o português brasileiro. Seguimos Cunha nesse ponto, mas não quanto ao entendimento de que um estado faseável se transforma momentaneamente em um processo. O nosso entendimento é que estados continuam sendo estados quando combinados com o progressivo – cf. Gonçalves (2004) e Parsons (1990).

Defendemos a hipótese de que o progressivo funciona como uma fronteira ou transição de fases de um dado estado, distinguindo uma fase nova em relação a uma fase anterior. Essa hipótese surgiu por meio de testes de julgamento de gramaticalidade com os advérbios *Antes* e *Agora*, da ocorrência do progressivo com diversas subclasses semânticas de verbos estativos faseáveis e da análise das relações de implicação entre o progressivo e o presente simples. Esses testes sugerem que os predicados estativos faseáveis não constituem uma classe homogênea, o que, entretanto, não invalida a hipótese, já que verbos locativos, perceptivos e psicológicos apresentam comportamento variável também em relação a outros fenômenos gramaticais.

A proposta de eventos subatômicos de Parsons (1990) permitiu analisar a propriedade semântica da faseabilidade em termos formais, o que possibilitou captar a interpretação de transição de estados dos predicados faseáveis que aceitam o progressivo, por meio de uma representação adequada em Forma Lógica.

A relação entre verbos estativos e o progressivo é um problema complexo que continuará atraindo pesquisadores. Este trabalho pretende ter contribuído para um novo olhar sobre os predicados estativos faseáveis, que aparentam ser uma classe heterogênea no que diz

respeito à interpretação semântica do progressivo. As propriedades sintáticas que decorrem desse fato, as quais devem ser abordadas a partir de uma análise composicional, nos despertam interesse para futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSO, Renato Miguel; ILARI, Rodolfo. Estativos e suas características. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 4, n. 1, 2004, p. 16-26.

BASTOS, Ana Claudia P. Progressive Constructions in Brazilian Portuguese and English. *Revista Letras*, n. 63, maio/ago. 2004, p. 41-59.

BERTUCCI, R.; LUNGUINHO, M. V. When the Progressive and Aspectual Classes Meet: the case of Brazilian Portuguese. In: MOLSING, Karina Veronica; IBAÑOS, Ana Maria Tramunt. (Orgs.). *Time and TAME in Language*. 1. ed. v. 1. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2013. p. 124-156.

CHOMSKY, Noam. *Language and Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

_____. *Syntactic Structures*. The Hague/Paris: Mouton, 1957.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CUNHA, Luis Filipe Alvão Serra Leite da. *As construções com progressivo no português: uma abordagem semântica*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Universidade do Porto: Porto, 1998.

_____. *Semântica das predicções estativas para uma caracterização aspectual dos estados*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade do Porto: Porto, 2004.

DERMIDACHE, H.; URIBE-ETXEARRIA, M. The syntax of temporal relations: a uniform approach to Tense and Aspect. In: CURTIS, E.; LYLE, J.; WEBSTER, G. (eds.). *Proceedings of the WCCFL 16*. Stanford: CSLI Publications, 1997. p. 145-159.

GONÇALVES, Cláudio Corrêa e Castro. Estar-ndo as a Generic. *Revista Letras*, n. 63, maio/ago. 2004. p. 139-153.

LUNGUINHO, M. V. *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2011.

MUFWENE, Salikoko S. Stativity and the progressive. *Indiana Linguistics Club*, Bloomington, nov. 1984, p. 2-51.

NAVES, R. R; LUNGUINHO, M. V. 2013. Aspecto e alternância causativa. In: NAVES, R. R. *et al* (orgs.) *Temas em Teoria da Gramática – Textos Seleccionados*, Brasília: Thesaurus.

PARSONS, Terence. *Events in the semantics of English: a study in subatomic semantics*. Boston: MIT Press, 1990.

RADFORD, Andrew. *Syntactic Theory and the Structure of English: a minimalist approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: *Linguistics in Philosophy*, vol. 4, 1967, p. 21-32.

WACHOWICZ, T. C. *As Leituras Aspectuais da Forma do Progressivo do Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2003.